

PUC

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

ANÁLISE DA IMPORTÂNCIA NOSOLÓGICA DO CONCEITO DE
SIMIOSE NO VÍNCULO INDIVÍDUO-INSTITUIÇÃO

por

LUÍS ANTONIO DOS S. BAPTISTA

Tese submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de

MESTRE EM PSICOLOGIA

Rio de Janeiro, fevereiro de 1978

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Rua Marquês de São Vicente, 225 - CEP 22453

Rio de Janeiro — Brasil

2337

EX-CENTRAL



Título: Análise da Importância nosológica do con

N. Chamada: 150 / B222 / FSE UC

BC - PUC

DOAÇÃO

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

UC18992-4

ANÁLISE DA IMPORTÂNCIA NOSOLÓGICA DO CONCEITO DE
SIMBIOSE NO VÍNCULO INDIVÍDUO-INSTITUIÇÃO

por

LUÍS ANTONIO DOS S. BAPTISTA

Tese submetida como requisito paracial para a obtenção do grau de

MESTRE EM PSICOLOGIA



Assinatura do Orientador

Rio de Janeiro, fevereiro de 1978

UC-16992-4
TESE UC
B922
1SD

30576



777

À meus pais, Clea e Beto.

AGRADECIMENTOS

Ao Professor Pedro Américo Corrêa Netto, pela dedicação na orientação deste trabalho e ao Departamento de Psicologia da PUC por ter possibilitado a sua realização, meus agradecimentos.

Ao Doutor Marco Antonio Pires Cordeiro, pela ajuda afetiva à criação desta monografia, minha infinita gratidão.

Aos amigos Kitula e Silvio, pela ajuda, dedicação e carinho que propiciaram o nascimento deste trabalho, meu profundo respeito e agradecimento.

RESUMO

Esta dissertação possui como objetivo central a análise do conceito de simbiose configurado na estrutura vincular indivíduo-instituição, procurando fundamentar a importância nosológica deste conceito ao psicólogo clínico frente aos problemas relacionados ao seu trabalho em uma instituição assistencial.

A dissertação se compõe de dois capítulos e uma conclusão. No primeiro se examinam as características do conceito de simbiose como estrutura vincular ao nível corporal e social, sua importância no desenvolvimento psicológico, e de que modo este vínculo constitui como um momento específico da construção da individuação humana. Neste capítulo é refletido, a posição ideológica pertinente ao conceito em questão, sendo discutido sua dimensão dialética na construção da historicidade humana, historicidade esta que se caracteriza como um dinâmico movimento de simbiotizações e desimbiotizações do indivíduo com seu corpo, com sua cultura e com o outro de suas relações.

No segundo, se analisa de que modo o vínculo simbiótico indivíduo-instituição pode impedir a construção do Sujeito do conhecimento, bem como a formação de sua história. São examinados, os mecanismos de defesa do vínculo simbiótico, frente às situações de mudança e intercâmbio que podem mobilizar os integrantes do vínculo em questão.

Na conclusão questionam-se os pseudos-problemas contráreos no trabalho institucional, que podem ser caracterizados com uma simbiotização encoberta por estereótipos sociais que estabelecem uma alienante postura do psicólogo clínico em seu cotidiano. É também apresentado em pequeno trabalho realizado em um hospital psiquiátrico, visando esclarecer e discutir uma proposta de trabalho que objetiva uma não simbiotização do Psicólogo em seu diálogo terapêutico.

SUMMARY

This dissertation has as its paramount purpose the analysis of concept of symbiosis settled in the framework of the binding structure individual-institution. It tries to justify the nosological importance of this concept to the psychologist in this clinical work regarding problems related to his praxis in welfare institutions.

It is composed of two chapters and a conclusion.

In the first chapter it is focused the characteristics of the concept of symbiosis as a binding structure taking into consideration the body and the social levels; its importance to the psychological development, and in which way this bond constitutes itself in a specific stage of the building up of the human individuation. In this chapter some thoughts are given regarding the ideological standpoint pertinent to the concept in question. It is discussed its dialectic dimension in the construction of the human historicity which characterizes, it selfs as a dynamic flow of the individual's symbiotization and dis-symbiotization in relation to his body, to his culture and to the other in his acquaintances in general.

In the second chapter an analysis is made regarding the way the symbiotic bond individual-institution may hinder the construction of the subject of knowledge, as well as the formation of the historicity. It is examined the defense mechanisms of the symbiotic bond regarding situations of change and exchange that may mobilize the participants of the considered bond.

In the conclusion it is questioned the pseudo-problems found in the institutional work which may be characterized as symbiotization hidden by social stereotypes which establish an alienating attitude from the psychologist in his everyday work. In this section it is also presented a small work experience in a psychiatric institution, trying to clear out and to discuss a plan of work which would enable a non-symbiotization from the part of the psychologist in this therapeutic dialog.

ÍNDICE

	Pág.
INTRODUÇÃO.....	01
CAPÍTULO I - SIMBIOSE E DESENVOLVIMENTO PSICOLÓGICO...	03
1.1- A importância da linguagem teórica para a análise do conceito de simbiose.....	03
1.2- Análise dos aspectos ideológicos referentes a explicação da historicidade humana.....	17
1.3- O lugar da simbiose na história psicológica.....	41
CAPÍTULO II - A SIMBIOSE NO VÍNCULO INDIVÍDUO-INSTITUIÇÃO	54
2.1- Os possíveis níveis de análise para o estudo do vínculo indivíduo-instituição.....	54
2.2- Personalidade e instituição	58
2.3- A simbiose como enfermidade do vínculo indivíduo-instituição.....	67
2.4- O vínculo simbiótico como negação de crises situacionais.....	80
CONCLUSÃO.....	84
BIBLIOGRAFIA	88

INTRODUÇÃO

O interesse por este tema partiu de um incomodo surgido pelo excesso de dicotomias presentes na psicologia, ou talvez em nosso próprio cotidiano. Normal-patológico, bem-mal, herdado-adquirido, marginais-responsáveis, entre outras, configurariam divisões construídas, questões inventadas, constituindo falsos problemas que omitiriam alguma coisa. O contato mais próximo com psicóticos, marginais, crianças e adolescentes, postulados por alguns poetas, teóricos e profissionais de saúde mental, nos informa que estas dicotomias serviriam a consolidação de um abismo preconizado pelas informações dos conhecimentos inquestionáveis. A partir de uma reflexão sobre estes fatos, percebemos que existe algo em comum, que nos aproxima ou gera cruéis racionalizações nos afastando em permissíveis diferenças.

Estas análises mobiliza-nos ao levantamento da seguinte hipótese: as divisões ditadas nos livros e pelo senso comum, seriam o produto de uma mentira. Mentira, devido a essas diferenças não serem tão distantes, mas cúmplices de um controlador silêncio afetivo, social e cultural. Este silêncio mórbido chama-se simbiose, é onde os integrantes das divisões mantêm imobilizadas suas pseudo-diferenças. Os grupos segregados de marginais aceitando sua marginalidade, permitindo aos outros, a certeza da eficiência de sua moral e das virtudes de suas responsabilidades. O silêncio e a sedação do louco, permitindo a repressão hospitalar, a não depreciação com sua loucura. Tudo em seu devido lugar. Talvez seja também uma das características da simbiose.

Colocando a importância e a expressão deste conceito ao nível da metáfora, seria depararmos com uma massa humana, disforme, avolumosa e aglomerada, onde seus integrantes se desintegram como corpos, mas compactuam em uma silenciosa unidade por cumplicidade, sem relações, sem contradições, em fim, sem o confronto com o outro. Agora só existe uma massa muda, amorfa e imóvel, pois seus integrantes perderam suas bocas, originando uma única boca, e um único

corpo, não podendo desta forma, dialogar, trocar, reivindicar e transformar. Só resta um monólogo cúmplice de um medo coletivo da experiência a dois.

O estudo do tema em questão nasceu das leituras de J.Bleger. A justificativa em relação a esta escolha, estaria, além dos motivos afetivos descritos anteriormente, no interesse pela colocação singular dada por J.Bleger aos problemas ligados ao vínculo simbiótico, nos remetendo a um aprofundamento de sua importância para a compreensão dos problemas levantados pela psicopatologia, psicologia do desenvolvimento, como também, dos aspectos grupais, institucionais e da comunidade.

A partir da mudez que caracteriza este vínculo específico, um argumento deve ser assinalado como uma das motivações que me remetem a esta monografia. Qual seria a posição da psicologia frente a este silêncio simbiótico da relação eu-outro, indivíduo-instituição? Será que as proposições teóricas disponíveis, ou as práticas clínicas atualmente vigentes estariam, posicionadas estrategicamente em uma posição anti-simbiótica, ou seja, questionando esta mudez e este silêncio resultante de um medo que assola e mata uma dialética relacional eu-outro, indivíduo-instituição?

Esta monografia não teria pretensões de dar uma resposta conclusiva a estas indagações. Estas perguntas estariam posicionadas como vetores estratégicos para uma abordagem crítica em relação aos objetivos colocados anteriormente, como também uma polêmica não silenciosa em relação ao tema pretendido.

CAPÍTULO I

SIMBIOSE E DESENVOLVIMENTO PSICOLÓGICO

1.1.- A importância da linguagem teórica para a análise do conceito de simbiose

O objetivo deste capítulo não seria somente uma análise descritiva da existência do vínculo simbiótico no processo do desenvolvimento psicológico, mas também uma reflexão teórica sobre as possíveis relações entre a enfermidade simbiótica e os referenciais teóricos que pretendem explicar as articulações da historicidade humana em sua expressão psicológica social.

Desde o momento em que consideramos o indivíduo mentalmente enfermo possuindo em sua estrutura vivencial um déficit na construção de sua história pessoal, social e política, cabe, a partir deste argumento, o levantamento da seguinte questão: de que modo uma linguagem pertinente a uma teoria do desenvolvimento psicológico específica, poderá através de sua metodologia e estrutura conceitual, apreender e explicar a formação da historicidade humana em suas possíveis contradições?

Antes de uma análise da relevância do conceito de simbiose para o esclarecimento da questão levantada, seria importante colocar em análise as posições teóricas que tentam explicar o desenvolvimento psicológico como a própria negação das contradições experienciais do sujeito com o outro de suas relações, com seu cotidiano, como na construção de sua história.

Quando nos referimos a uma explicação ou a uma descrição de um determinado fato, utilizamos uma linguagem, linguagem esta que o constrói dentro de um referencial teórico específico, como também nos possibilita uma determinada posição para uma possível apreensão concreta daquele. Em relação a esta argumentação, Jurandir F. Costa (13) diz que "... o fato humano é uma construção histórica. Isto equivale a dizer

que ele é um produto e não um dado. Em consequência, a representação subjetiva, assim como a intervenção prática que dela decorre, modificam a natureza ao agirem sobre ela."... A negação desta posição sustentada pelo autor citado, seria a própria coisificação e fetichização do fato concreto a partir das limitações de uma linguagem científica na produção do conhecimento. Colocando-se uma "verdade" essencial no fato e a linguagem tendo como função descrevê-lo e justificá-lo, ou então, o fato sendo uma mera criação de um saber e poder de linguagem científica, o contexto histórico onde este se insere estaria ausente, como também a própria relação dialética observador e observado na produção, elaboração e comunicação do conhecimento.

Refletindo sobre o objeto de estudo do campo psiquiátrico, H.S.Sullivan (48), posiciona-se em uma forma similar às colocações anteriores: "...El conocimiento organizado en la psiquiatría como ciencia, no deriva de una clase especial de datos con los cuales opera el psiquiatra, sino de las acciones u operaciones características ocurridas en campos interpersonales que incluyen al psiquiatra. Los hechos que aportan información para el desarrollo de la psiquiatría y la teoría psiquiátrica, son hechos de los cuales participa el psiquiatra, no hechos a los cuales mira desde la cima de una torre de marfil..."

Estas argumentações teóricas estariam próximas à posição de L.Althusser (1), na medida em que este autor propõe que "... o conhecimento deste objetos reais, concretos, singulares é o resultado de todo um processo de produção de conhecimento, cujo resultado é "a síntese de uma multiplicidade de determinações", sendo esta síntese "o conhecimento concreto" de um objeto concreto..."

A partir desta informação de L.Althusser, podemos selecionar dois aspectos importantes para uma reflexão: a linguagem teórica como veículo para uma multiplicidade de determinações de um fato humano, e de que modo esta linguagem, em sua estrutura conceitual, poderá articular a complexidade concreta, isto é, não mítica e abstrata deste fato humano em sua dimensão dialógica estrutural.

Em relação ao primeiro aspecto, encontramos em algumas teorias que pretendem explicar o desenvolvimento psicológico, a utilização de conceitos que estariam fundamentados em uma posição naturalizante da linguagem. Eduardo Prado Coelho (12) denuncia esta posição, não especificamente em relação à psicologia, mas em relação às ciências humanas, afirmando que "... o principal vício da ideologia burguesa é o naturalismo, a naturalização dos signos, a relação natural entre a linguagem e a realidade. A linguagem estabelecida pela burguesia é a linguagem Normal. Mas (ensina-o Canguillen) o normal é normativo. Como diz o italiano Eduardo Sanguinetti "... a linguagem nunca me pode dar a realidade de uma forma imediata e neutra, mas ela cria artificialmente um certo produto convencional, cultural, histórico, que me reenvia à realidade, mas que simultaneamente forma um certo organismo caracterizado ideologicamente pela sua estrutura..." (no sentido de Barthes): 'hoje o desejo de criar uma linguagem neutra, de oferecer uma neutra percepção do real, é a ambição burguesa por excelência, precisamente porque no horizonte burguês já não há realmente história, há apenas natureza...'

Refletindo sobre o que acima assinala Eduardo Prado, podemos deduzir que a naturalização da linguagem fundamenta um sentido específico ao humano, assim como suas possíveis relações com a realidade exterior. A linguagem como veículo expressivo e articulador teria sua origem na natureza do próprio homem como se fosse a continuidade de uma essência natural, inerente a toda espécie humana. A linguagem como estrutura criada a partir das relações de produção entre o indivíduo e o real em uma dimensão dialógica estrutural não teria sentido nesta posição. A origem e o sentido da linguagem seriam procurados na natureza humana, através da razão, da consciência ou do Estado, ou então, nas leis universais que configuram toda a espécie viva. A apreensão e significado do humano seria a partir de uma estática dedução de leis divinas ou naturais, sendo este um "a priori" sem contradições, idealizado e silencioso. Para a compreensão das articulações do homem com o real teríamos como ponto de partida um humanismo essencialista, criado por uma estéril e anestesiante dicotomia homem-natureza, ou mundo da idéia-mundo material, dicotomia que resulta em um iso-

lamento e empobrecimento da característica e importância da linguagem na construção e operatividade das múltiplas significações do real, como também na formação do humano a partir das contradições e síntese das relações do indivíduo com o outro, com seu cotidiano e com suas condições materiais.

B.Beneveniste (3) refletindo ao nível da linguística sobre estes aspectos, afirma que, ... "nunca llegamos al hombre separado del lenguaje ni jamás lo vemos inventar. Nunca alcanzamos el hombre reducido a si mismo, ingeniándose para concebir la existencia del otro... la conciencia del sí no es posible más que se si experimenta por contraste. No empleo yo sino dirigiéndome a alguien, que se será en mi alocución en tú..."

Sobre a existência do humanismo nas ciências humanas, L.Althusser (1) coloca que ... "descentrar a problemática do homem de um conceito "Homem", especular, narcisista e repleto de valorações, não é excluir o homem do conhecimento, mas conhecê-lo num contexto relacional de múltiplas determinações..."

Este narcisismo teórico analisado por L.Althusser em relação ao humanismo, poderia ser caracterizado como uma presença mórbida e masturbatória do idealismo nas ciências humanas. A linguagem, o homem, e o mundo exterior estariam isolados e originados por uma onipotente e solitária consciência, gerando pseudo-dicotomias que encobririam o sentido dialético do existir e do saber.

J.Hochmann (26) sintetiza estes posicionamentos afirmando que, "... sería mistificador considerar a la cultura como antinaturalaleza (en el sentido en que se dice antimateria). La cultura supera y engloba a la naturaleza, da a las cosas y en particular a los procesos biológicos - un sentido humano..."

A reflexão em relação à linguagem até aqui esboçada, não teria como objetivo uma formalização ou a preocupação por um rigor teórico em termos metodológicos, mas sim, o levantamento de problemas sobre as possíveis relações entre uma linguagem teórica específica utilizada nas teorias do desenvolvimento psicológico e na psicopatologia, e as possíveis articula

ções destas teorias na prática clínica.

Os conceitos pertinentes a uma linguagem teórica naturalizante nas teorias do desenvolvimento psicológico e na psicopatologia teriam como referência entidades abstratas que não só isolariam o objeto de estudo destas teorias de um confronto e explicação de uma situação concreta específica, como também de qualquer possibilidade de uma relação dialética entre a teoria e a prática psicológica. A abstração do humano seria a própria negação de uma historicidade ao nível do sujeito, de seu desejo enquanto significado e significante do outro de suas relações em favor de um destino natural, como da mesma forma, do momento histórico onde se particularizam e se constituem as possíveis relações entre a teoria e a prática psicológica. A teoria deste modo teria como função justificar e manter uma determinada realidade, conformando e reificando o próprio ato do conhecimento, negligenciando o seu sentido exploratório e criativo.

Complementa esta análise, a seguinte colocação de J. Bleger (6) "...esto ha conducido a generalizaciones y conclusiones estériles, y a una mitología de entidades psicológicas. Pero además, como lo expresa Foucault, 'tratando-se de los hombres, la abstracción no es solamente un error intelectual', porque transcende como ideología no sólo al campo científico, sino también al campo político y social, como instrumento de dominio y control..."

Retomando a informação proposta anteriormente por Eduardo Prado em relação à psicologia, podemos deduzir que a naturalização da linguagem não seria restrita a uma ambição burguesa, mas também estaria presente nas possíveis relações entre as teorias e as práticas psicológicas, configurando um sentido ideológico específico ao que seja a própria atitude clínica.

A referência sobre a existência da naturalização da linguagem no consumo burgues, evidencia o controle sobre o estabelecimento não só de uma ordem social, mas edifica também em sua ideologia uma conformidade a um tempo e um espaço criados por um pseudo-natureza. A moral, o desejo, e o saber

teriam um significado especular em virtude de serem um mero reflexo de um homem que frente ao espelho já teria sua imagem refletida mesmo fora do alcance de seus olhos.

Em termos de psicologia, podemos refletir sobre este sentido especular, na medida em que, frente a uma prática clínica onde o desconhecido nos mobiliza e ameaça, a teoria seria veiculada como o próprio anestesiamiento do fato clínico enquanto produto relacional. O fato seria colocado ao nível do Mesmo, como continuidade ou complemento do poder teórico, resultando na negação de uma operacionalidade e reversibilidade entre os interlocutores do conhecimento clínico.

W.Baranger (2) ilustra estes aspectos da seguinte maneira: "...la comparación entre Freud y Janet, ilustraría muy bien este punto: nos referimos ao concepto de "psicastenia" de Janet. Este atribuye a una "falta de fuerza psíquica", lo que Freud describe como conflicto intrapsíquico. La consecuencia técnica (terapéutica) es enorme: contra la 'psicastenia' no hay nada que hacer. Los conflictos, al contrario, se pueden elaborar..."

Partindo deste ponto de vista de W.Baranger, pode-se deduzir que uma estrutura teórica em psicologia clínica que não seja questionada em termos de suas possíveis contradições com uma prática terapêutica, poderá configurar uma esterilizante dissociação não só entre teoria e prática, como talvez o mais importante, uma dissociação intra e interpessoal nos interlocutores do campo terapêutico.

A dissociação intrapessoal ao nível do terapeuta pode ser caracterizada em virtude da teoria ser um elemento separado de seus valores, de sua vida. Seu esquema teórico seria um veículo de neutralização das contradições existentes em sua prática clínica como também no próprio reconhecimento de sua identidade profissional. Em relação a estes aspectos, podemos observar o quanto o conceito de contratransferência e sua utilização técnica foram rejeitados e enquadrados como patológicos, em virtude do controle e manutenção de um esquema teórico onde se enfatizam a análise das pulsões e do inconsciente substancializado do paciente. Estas

dissociações além de caracterizarem uma modalidade esquizóide, isto é, uma dissociação do intelectual com o afetivo, favorecem um pseudo silêncio ideológico, aparentemente neutro, que nada mais seria que o estabelecimento de outras ideologias que mantêm a exclusão do reconhecimento do Sujeito do conhecimento através da linguagem e de seu trabalho. Nada mais ameno para um medo gerado pelo confronto com o outro, que uma "boa" teoria que nos impeça de sentir a riqueza de nossas contradições.

A nível do paciente, a dissociação pode ser percebida, como se o sintoma ou o próprio conflito subjacente a sua estruturação fossem detectados como não comunicacionais, não configurados pela dinâmica de uma personalidade que se expressa singularmente através de múltiplas determinações. O paciente estaria separado de seu cotidiano, como se nada existisse além de sua enfermidade. Uma estrutura conceitual que direciona estas dissociações, edifica um sentido paralizante na conceituação da enfermidade. A comunicação do paciente não seria codificada por uma abordagem teórica que referenciasse um processo de totalização ou parcialização de seu projeto existencial. O enfermo seria visto como um corpo morto, dissociado do sentido conflitual que caracteriza a própria vitalidade humana. O sintoma não seria apreendido como uma trama, e sim como um produto acabado e mudo. Sobre estes aspectos Horus Vital Brazil (10) complementa, dizendo que: "...Es necesario hacer hincapié en esta posición metodológica porque generalmente se ignora este dato y se reduce el síntoma a su soporte intrapsíquico, como si estudiáramos lo que sería una ficción: la personalidad aislada... Estos autores no usan la dimensión transferencial como una referencia de significado del síntoma, sino que hacen un esfuerzo por comprender su valor defensivo más general, sin considerarles oscilaciones de la aparición, desaparición o cambio del síntoma en la estructura de la relación terapéutica..."

Em termos de uma dissociação interpessoal produzida por um referencial teórico naturalizante, teríamos a própria negação do campo terapêutico, a exclusão do diálogo em favor do controle da não emergência do novo e do imprevisível -

vel na relação terapêutica. Seria, não aprendermos o sentido da paralização ou da dinâmica da comunicação do paciente através daquilo que sentimos ou comunicamos a este. Ao caracterizarmos o encontro terapêutico como um diálogo entre dois inconscientes imbuídos de toda uma significação cultural e antropológica, estaríamos expressando um aspecto ideal do trabalho clínico. Dentro da prática clínica, podemos perceber o quanto a enfermidade do paciente como também do vínculo que se estrutura entre os interlocutores do campo terapêutico nem sempre possibilitam a emergência do diálogo. Uma interpretação, clarificação ou qualquer assinalamento técnico do terapeuta pode ser sintônico a alterações que objetivam uma estagnação do campo afetivo que emerge entre os interlocutores, como se o inconsciente do vínculo que se instala entre os dois participantes desejasse uma não-relação, o estabelecimento da complementação de dois monólogos e a exclusão do diálogo. Clarificando esta análise, podemos exemplificar as situações onde encontramos indivíduos que quando se reportam a sua análise pessoal, utilizam um linguajar técnico, intelectualizado, como se incorporassem a linguagem do terapeuta. Refletindo sobre estes aspectos, encontramos não só um problema técnico ou pessoal, mas uma característica de uma prática clínica, onde a linguagem teórica utilizada pelo terapeuta possibilitaria um alimento ao desejo do paciente e, talvez o mais importante, uma linguagem que negaria dentro dos conceitos que veiculam a codificação do discurso do paciente e da relação, a dinâmica da exclusão ou da integração do encontro a dois, da cumplicidade inconsciente da relação, do simbólico e do poético.

H. Fiorini (15) acrescenta que "...há certas palavras (como "perseguição", "dependência", "castração", "uma parte de um, ou de outro") que cada vez querem dizer menos, que são repetidamente usadas como observava Bion, para não pensar. Que nos colocam, como o denunciava Antonin Artaud, diante do "desconcertante desamparo da língua em suas relações com o pensamento", quando "nem uma só de nossas palavras vive em nossa boca, a não ser separada do céu..."

Seguindo a reflexão remetida por Fiorini podemos acrescentar, que o esvaziamento das palavras distancia o ho-

mem de seus pensamentos, de sua complexidade como existente, e talvez o mais fundamental, de outros homens, de outras realidades que não correspondem a seu mundo imaginário e narcísico.

Quantas necessidades são defendidas na criação e na manutenção do patológico como interioridade. Quanto medos são excluídos de uma instituição na utilização de uma linguagem organicista ou impregnada de um narcísico humanismo. Quantas atitudes afetivas são mantidas em virtude de ser negada uma reciprocidade, negação esta que nos coloca como vítimas, sabotando uma possível cumplicidade. Quantos sentimentos são sedados no uso de uma linguagem que fala por nós, nós dá sentido, construindo um tempo e um espaço que nem sempre compartilhamos.

Um questionamento pode ser realizado sobre os problemas até aqui refletidos. Quais seriam os propósitos do estabelecimento de um conceitual teórico naturalizante? Partindo das análises anteriores, podemos acrescentar que estariam a serviço do estabelecimento de uma linguagem antropofágica. Antropofagia que nega a realidade enquanto objeto a ser deduzido e construído. O vazio de sua configuração consome o real e se alimenta deste, preenchendo o esvaziamento de significação de seus conceitos, com uma realidade paralisada e muda, reificando a dialética relacional eu-a-outro, teoria e prática, e talvez a mais importante, conhecimento e ação. O indivíduo ou uma ideologia teórica desprovida de riqueza dos possíveis significados e limites de sua linguagem, terá nesta, um vazio que procurará no outro uma forma de preenchê-la, como um cadáver voraz e faminto que se alimenta de sua própria morte.

Chico Buarque de Holanda (27) retrata esta antropofagia ao nível do cotidiano, expressando: "...toda noite ela diz pra eu não me afastar, meia noite ela jura eterno amor, e me aperta até eu quase sufocar, e me morde com a boca de pavor. Todo dia ela faz tudo sempre igual..."

Este cotidiano vazio e voraz, redundante e não poético, descrito por Chico Buarque de Holanda, pode ser encontrado no cotidiano de um trabalho clínico, onde conheci =

mento e ação estejam dissociados por uma cumplicidade de um terapeuta que "beija com a boca de pavor", com uma teoria que referencia um "todo dia ela faz tudo sempre igual". "... Jay Haley, afirma J.Hochmann (26), sostiene que el esquizofrénico sabe, además, adaptarse a la teoría de su médico, que es diferente con un kraepeliniano, un psicanalista ortodoxo, un junguiano, un conductista o un sullivaniano..." Este exemplo de J.Hochmann, dá margens, além de denunciar a violência de uma linguagem institucionalizada, que propicia um não comprometimento dos desejos de seus interlocutores, à criação de uma imagem sobre o conteúdo latente de determinadas práticas clínicas: um vampiro que quando suga o sangue de sua vítima, a torna vampiro também. Um paciente que se comporta como um perfeito caso freudiano, não deveria ser entendido somente nos termos de uma intelectualização defensiva, mas sugando uma linguagem dada repressivamente pelo enquadre terapêutico, alimentando o estabelecimento de uma relação necrófila que teme a vida pela e na linguagem.

Fundamentando as considerações anteriores, encontramos uma importante contribuição de P.Watzlawick (51), onde este autor, baseado nos estudos da teoria da comunicação humana, postula um axioma pertinente as reflexões até aqui discutidas: "...toda comunicación implica en compromiso y, por ende, define la relación. Esta es otra manera de decir que una comunicación no sólo transmite información sino que al mismo tiempo, impone conductas..." Deste modo o paciente se comporta como um perfeito caso clínico, não teria como significação de sua linguagem a pertinência a uma estratégia individual, mas uma possível complementariedade de um sistema comunicacional específico estruturado pela relação.

A mulher descrita por Chico Buarque se utiliza de um ritual repetitivo, desafetizado, onde um beijo relacional não existe; a solidão não é questionada, um orgasmo com seu dia-a-dia não é presente, mas necessita do outro para tragá-lo em seu vazio onde tudo é negado a não ser sua antropofágica fome. Isto tudo não está tão distante de uma realidade clínica se analisarmos, o quanto um poder ideológico clínico que nega a dinâmica do campo terapêutico, estabelece na relação

teoria e prática como no encontro terapeuta-paciente, uma voraz confirmação e reificação de seus conceitos abstratos e substancializados, e conseqüentemente, a paralização do inesperado, do absurdo e do contraditório que poderá emergir no discurso clínico. Tudo deverá estar sobre controle.

Retomando os objetivos colocados no início deste capítulo, cabe ainda o levantamento de algumas questões: Qual a importância do conceito de simbiose para a psicologia do desenvolvimento e para a psicopatologia, na medida em que podemos caracterizá-lo como um conceito não naturalizado? A quem o conceito define?

Antes da análise destas questões, seria importante definirmos o conceito de simbiose. José Bleger (9) o define como "...una no-relación y por indiferenciación en la cual cada individuo no se diferencia de otro o no se la halla discriminado de otro, y en la cual no hay discriminación establecida entre yo y no-yo, no entre cuerpo y espacio, no entre yo y el otro..." Bleger (8) desenvolve esta definição, assinalando que "...la simbiosis es una estrecha interdependencia entre dos o más personas que se complementan para mantener controladas, inmovilizadas y, en cierta medida, satisfechas las necesidades de las partes más inmaduras de la personalidad, que exigen condiciones que se hallan disociadas de la realidad y de las partes más maduras e integradas de la personalidad..."

A partir das definições lançadas por J. Bleger, podemos deduzir que o conceito de simbiose refere-se a um vínculo, a um funcionamento psíquico onde está inserida uma modalidade de organização afetiva frente ao outro, a um corpo, e a uma situação humana. A importância deste conceito para a psicologia clínica, estaria entre outras, em possibilitar a negação de um substancialismo do psiquismo humano, e abrir possibilidades de análise de uma estrutura situacional específica, colocando como relevante, a reflexão de um laço, de um pacto, de uma cumplicidade entre indivíduos. Através do conceito em questão, o espaço interno não seria caracterizado como uma categoria inerente ao sujeito, e sim construído e organizado por um vínculo. A percepção do espaço externo

não teria uma conotação de um dado a priori determinado pela dinâmica de um mundo interno, mas estruturado através de um processo experiencial a dois. O conceito de simbiose, por outro lado, suscita problemas que direcionariam a análise do processo de formação de uma historicidade humana (o indivíduo sendo sujeito de seu tempo, criando sua história, não estando determinado e prisioneiro desta), não somente restrita a uma personalidade isolada, mas criada por uma organização grupal, onde o outro seria referido como parte mobilizadora e integrante desta história.

Concluindo este item inicial, a pouca referência teórica em relação às implicações ideológicas do conceito de simbiose, está longe de ser um desconhecimento informativo. A reflexão sobre um vínculo, sobre um laço, objetiva um terceiro não dito, isto é, um inconsciente de um pacto. Seria o latente de uma experiência a dois ou grupal, um inconsciente que ameaça a institucionalização de um poder teórico ou de uma prática clínica, onde o que se teria como meta, seria um inconsciente isolado, mudo e dissociado de uma situação humana. Deste modo, a violência e o controle semântico de uma linguagem naturalizada estaria fundamentado, na possibilidade de dissociar o sujeito de seu discurso, de sua linguagem com sua palavra, criando dicotomias sedativas de um pavor a uma reversibilidade.

A quem nos referimos na utilização de uma linguagem antropofágica? Respondendo a esta indagação pedimos ao leitor que abra a porta de sua casa, vá pras ruas, ou então olhe para suas palavras e observe a condução destas quando um grito se cala e o medo se veste de uma covarde lógica. As palavras sendo utilizadas para não designar nada, para não mudar nada, para não se pensar em nada. Procuramos nas leituras dos rostos, dos livros, como da própria realidade, uma complementação e ratificação de nossas palavras. A linguagem irá saciar a fome do poder, sem abrir brechas, para pensar - nos em suas sutis artimanhas, isto é, sem possibilitar o confronto de uma trama do poder dos contatos bipessoais que inquieta nossas lógicas e medrosos humanismos.

No plano da lógica, da racionalidade, encontramos

o quanto se utiliza em um discurso asfixiante, a linguagem como um instrumento de mordida. Para que estas colocações não fiquem ao nível de uma especulação elitista e metafísica, seria importante exemplificarmos concretamente. Em alguns ambulatórios de saúde mental, encontramos determinados profissionais que no "diálogo" com seus pacientes, utilizam um linguajar completamente técnico e específico a sua formação profissional junto a pacientes com uma linguagem também específica ao seu cotidiano e a sua classe social. Neste vínculo, o poder técnico mascara e referencia através do incógnito e misterioso para o outro de seus significados, o controle mágico e voraz das palavras. O "nervosismo" do paciente, seus "sintomas", serão "curados" pelas palavras mágicas do doutor. A "erudição" e a "ignorância": uma refrescante e poderosa forma de calar o silêncio e alimentar a mudez.

Em termos dos medrosos humanismos, podemos refletir sobre o quanto utilizamos o dizer do sim, do amor, do eu quero seu bem, do eu compreendo você, para taparmos a boca de nossos interlocutores e cegarmos nos olhos daquilo que não queremos ver.

A utilização da antropofagia pela linguagem não seria um erro dos terapeutas em início de formação, ou somente um controle ideológico, e tampouco uma característica das atitudes de psicoterapeutas de uma escola específica. É uma tática viva, uma estratégia situacional, quando queremos calar alguém ou calar o inquietante paradoxo da comunicação na trama do saber, isto é, a comunicação remetendo ao outro mas ao mesmo tempo denunciando a solidão pelo medo.

Nesta linguagem, o vínculo simbiótico foge ao entendimento, obscurecido pelas "inocentes", "naturais", "ame-nas", "científicas" e medrosas dicotomias.

Esta forma de linguagem pode ser também caracterizada como pertinente a um sistema comunicacional onde encontraríamos, segundo os teóricos do grupo de Palo Alto (51), o estabelecimento de um duplo vínculo e de uma dupla mensagem. Informando sobre o que seria um duplo vínculo, afirmam os autores: "...Por lo tanto, aunque el mensaje carezca de sentido desde el punto de vista lógico, constituye una realidad prag-

mática: el receptor no puede dejar de reaccionar a él, pero tampoco puede reaccionar a él en forma apropiada (no paradójica), pues el mensaje mismo es paradójico. Esta situación sue- ele estar determinada por la prohibición más o menos explícita de manifestar que se tiene conciencia de la contradicción o del verdadero problema implícito..."

Este sistema comunicacional, onde a ambiguidade das mensagens impede a troca de informações entre os interlocutores, fundamenta os exemplos anteriores sobre o impedimento das análises das relações de poder e de controle interpessoal, em virtude da dupla mensagem e do duplo vínculo negar a trama das contradições e dos conflitos em nossas comunicações.

Suponhamos que um técnico X atendendo um paciente seu que habita uma enfermaria Y de uma instituição tenha que atende-lo regularmente. Este técnico X pede ao paciente que venha ao seu encontro em um local separado de sua enfermaria. O atendimento será realizado longe do pátio dos pacientes, longe das enfermarias, longe da "doença". O técnico X e seu paciente encontram-se na sala bem equipada e confortável do ambulatório em um ambiente de compreensão e respeito. Não estaríamos percebendo nesta situação somente uma tática de segregação e manutenção da doença ou uma assimetria relacional, mas a produção de um sistema comunicacional específico, onde um duplo vínculo e uma dupla mensagem se instalam. Duplo vínculo, em virtude da presença de uma proteção e de um controle sobre o paciente e sobre a relação: "Estamos imunizados das doenças neste espaço, longe dos fantasmas, longe das suas e das minhas reais angústias, aqui só permitimos minha lucidez e sua doença, eu te protejo com meu saber, com meu consultório, com minha limpeza, mas fique longe com sua doença, não me toque com sua loucura, seu lugar é na enfermaria onde se fundamenta sua desviante identidade". Neste vínculo de punição e cuidado, uma dupla mensagem de aproximação e repulsa consolida a cronicidade de uma não historicidade relacional, uma mudez simbiótica, e a negação da palavra e do desejo.

1.2- Análise dos aspectos ideológicos (*) referentes a explicação da historicidade humana.

Como pontos de referência a serem desenvolvidos neste item, encontramos duas críticas levantadas por J. Bleger (8) em relação ao tema em questão. Nestas o autor procura desenvolver: os aspectos ideológicos subjacentes a algumas teorias que tratam do desenvolvimento psicológico, e o posicionamento referente à inclusão do conceito de simbiose na explicação da historicidade humana.

A primeira crítica formulada pelo autor, diz respeito à rejeição "... de que los primeros estadios de la vida del ser humano se caracterizan por el aislamiento, desde el cual, gradualmente, el sujeto se va relacionando con otros seres humanos..."

A segunda refere-se a, "... la creencia de que el fenómeno psicológico comienza siendo mental; que el fenómeno psicológico, para serlo, tiene que ser originariamente mental, y que si este ultimo no aparece en forma manifiesta, debe existir en forma inconsciente..."

Algumas justificativas preliminares devem ser assinaladas antes de uma pormenorização do tema em pauta. Não é objetivo deste item um estudo descritivo do fenômeno clínico da simbiose ou da sua existência no desenvolvimento psicológico, mas uma tentativa de caracterizar como a inclusão deste conceito na explicação do desenvolvimento psíquico, instrumentalizaria a análise da construção da historicidade psicológica, abrindo dimensões teóricas para focalizar o estabelecimento de uma não historicidade, ou seja, a paralização a experiência relacional.

As teses criticadas por J. Bleger, serão os vetores para uma análise de certas posturas conceituais que expressam uma não abertura teórica para que se indague o aspecto negado, contraditório e dialético da construção da história humana

(*) O termo ideologia teria nesta monografia o sentido dado por L. Grinberg (23), que a define como: "...una manera de ver el mundo en función de una convención socio-política valorativa de los vínculos existentes entre los individuos y la sociedad a la que pertenecen..."

Este item também teria como meta, explicitar e questionar os conceitos e valores filosóficos pertinentes à explicação das relações indivíduo-mundo exterior e os possíveis pontos que direcionariam o significado implícito do que seria o Sujeito psicológico subjacente às teses debatidas.

Na primeira tese colocada encontramos um determinado conceito de desenvolvimento que seria fundamentado por a atualização de uma essência original pertinente à natureza humana. O desenvolvimento psicológico seria apriorístico, em virtude de na essência humana já estar finalisticamente constituído, o sentido de uma atualização para as etapas ou estágios do desenvolvimento. As transformações e mudanças, como o próprio significado de crescimento ou maturidade psíquica, seriam potencialidades desenvolvidas de uma essência primeira, original e universal. As leis que fundamentariam as mudanças ou obstáculos do processo, corresponderiam a uma direção de um continuísmo essencialista. O fato novo, contraditório, ou a inclusão da experiência, seriam elementos colocados como exceções. O imprevisto não retificaria as leis reguladoras da continuidade essencialista, mas teria o sentido de uma anormalidade que ratificaria as regras "a priori" do processo. Tudo já estaria inscrito e determinado na natureza humana em sua fluente continuidade harmoniosa e previsível.

Refletindo sobre esta posição ao nível das relações entre indivíduo-mundo exterior, e já que se coloca a importância do meio e da dinâmica da experiência no processo de desenvolvimento psicológico, deparamos com uma tese idealista: entre o indivíduo e o mundo exterior haveria um distanciamento e um solipsismo cognitivo. Este distanciamento seria explicado pela primazia essencialista e narcísica colocada no indivíduo, sendo a realidade exterior uma representação deste, ou um prolongamento de sua natureza humana, como também tendo uma outra característica que recai no mesmo idealismo, seria um obstáculo à atualização da natureza humana. O homem, como expressão ideológica desta corrente de pensamento, assume o papel de um ser isolado em sua natureza ou passivo às circunstâncias ambientais, podendo ser retratado ideologicamente, em uma onipotente e impotente posição.

Em uma teoria do desenvolvimento psicológico, não só encontramos explicações concernentes às mudanças cognitivas ocorridas no processo, mas também, o que seria o ato do conhecimento. Confrontando o que a tese em análise define como ato do conhecimento com a posição de M. Foucault (16), encontramos uma importante discrepância. Este autor citando Nietzsche, afirma que, "... entre instinto e conhecimento encontramos não uma continuidade, mas uma relação de luta, de dominação, de subserviência, de compensação, etc., da mesma forma, entre o conhecimento e as coisas que o conhecimento tem a conhecer não pode haver nenhuma relação de continuidade natural. Só pode haver uma relação de violência, de dominação, de poder e de força. O conhecimento só pode ser uma violação das coisas a conhecer e não percepção, reconhecimento, identificação delas ou com elas..."

Analisando a tese em debate a partir da colocação remetida por M. Foucault, teríamos um conceito de conhecimento contrário à posição proposta pelo autor citado. O conhecimento se caracterizaria por uma abertura passiva, gradual, do indivíduo ao exterior. O ato do conhecimento seria o produto de um processo natural inerente à espécie humana, tendo origem e única referência no próprio homem. O exterior ou o objeto do conhecimento, seriam receptáculos da atualização essencial. Não teríamos a inquietação, a surpresa, o estranho, no ato de conhecer. A ordem humana, biológica e religiosa, seriam os propulsores e indicadores do processo. No lugar da luta, teríamos a procura insaciável do reconhecimento através do mundo, como se procurássemos espelhos para mirarmos verdades doadas por um poder camuflado. Não teríamos o outro, mas o anestesiante Mesmo. No lugar dos olhos, estaria uma resistente mordada, que cala um grito parado no ar e longe da boca.

W. Ronald D. Fairbairn (14), criticando as teorias do desenvolvimento da libido que teriam uma posição conceitual similar à tese em questionamento, propõe que "... qualquer teoria satisfactoria del desarrollo del yo debe se concebida en términos de relaciones con objetos, y en especial relaciones con objetos que han sido internalizados durante la

vida temprana, bajo la presión de la privación y la frustración..."

Desta forma, o autor citado enfatiza a dinâmica das relações objetais no desenvolvimento psicológico, mas relewa um aspecto fundamental, que seria a existência da privação e da frustração como propulsores do desenvolvimento egoico. Privação e frustração que seriam, por último, os elementos mobilizadores na formação do conhecimento.

O conceito de estrutura vincular defendido por E. Pichon Rivière (45) poderá também ilustrar uma possível integração ou identificação ideológica com a posição colocada por M. Foucault, sobre as relações entre indivíduo e mundo exterior no processo de formação do conhecimento.

Segundo o autor, "...la indagación analítica de ese mundo interno me llevó a ampliar el concepto de 'relación de objeto', formulando la noción de vínculo, al que defino como una estructura compleja, que incluye un sujeto, un objeto, su mutua interrelación con procesos de comunicación y aprendizaje... Por eso insistimos que en toda estructura vincular y con el término estructura ya indicamos la interdependencia de los elementos... el sujeto y el objeto interactúan realimentándose mutuamente..."

"...la substitución de la noción de instinto por la estructura vincular, extendiendo al vínculo como un protocolo de aprendizaje, como el vehículo de las primeras experiencias sociales, constitutivas del sujeto como tal, con una negación del narcisismo primario, conduciendo necesariamente a la definición de la psicología, en un sentido estricto, como psicología social... las relaciones intrasubjetivas, e estructuras vinculares internalizadas, articuladas en un mundo interno, condicionarán las características del aprendizaje de la realidad. Este aprendizaje será facilitado y obstaculizado según que la confrontación entre el ámbito de lo intersubjetivo y el ámbito de lo intrasubjetivo resulte dialéctica o dilemática..."

Concluindo a posição esboçada por E. Pichon Rivière e retomando criticamente os aspectos concernentes à re-

lação indivíduo-realidade exterior da tese em análise, o isolamento inicial encontrado nas primeiras etapas do desenvolvimento psicológico, não seria uma separação do indivíduo com o exterior, mas um determinado vínculo com este, possuindo deste modo, uma elementar configuração social específica.

Garcia Reinoso (46) complementa estas reflexões sustentando que: "...no hay un niño naturaleza y un niño cultural, hay solo un niño culturalizado. ...El oyo, el oído, el gusto, etcétera, están siempre culturalizado, los aparatos perceptivos son culturalizados por nacer en ese medio interhumano. En este sentido los instintos son también instintos del hombre, están humanizados. ...El niño está inmerso en un mundo simbólico previo a él, no es él quien crea los símbolos, como dice Klein. Es este mundo simbólico, esta estructura del sistema simbólico que es primaria y es estructurante a su vez la realidad, el que lo modela en cuanto ser humano. En todo caso lo que el indivíduo hace es recrearlos dándoles su forma particular de relaciones y significados..."

Nestas últimas linhas colocadas por G. Reinoso, estariam as possibilidades de apreendermos o conceito de Sujeito do conhecimento. Quando o autor afirma que não há uma criança natureza e uma criança cultural, encontramos uma posição onde não se instalaria uma falsa dicotomia entre o herdado e o adquirido, mas uma especificidade de que seja o psíquico e o ato do conhecimento, os quais não seriam pertinentes a uma herança biológica ou a uma modelagem cultural, e sim, a uma recriação particular, a uma participação ativa do indivíduo com os símbolos coletivos do contexto onde está inserido e com o outro de suas relações. Desta forma, na medida em que o psíquico existe desde as primeiras etapas do desenvolvimento, estas não poderiam ser caracterizadas por um total isolamento do indivíduo com a realidade, em virtude do próprio ato do nascimento já envolver a criança com seu primeiro confronto com o outro, com sua primeira perda e conquista, e com um novo universo a ser decifrado.

Finalizando as considerações desenvolvidas até aqui, H. Wallon (49) criticando o referencial teórico de J. Piaget, integra-se ideologicamente aos objetivos explicitados

até então. Para Wallon, "...certos autores como J. Piaget, parecem considerar que a criança começava por viver a não ser em si mesma, apresentando o que se chamou de "autismo", isto é, um estado de sensibilidade quase unicamente vegetativo onde as relações não tem senão um pouco de ressonância psíquica. Não é a não ser por volta dos seis ou sete anos que ele considera que a criança se socializa..."

...Esta socialização da criança serve-lhe para explicar o aparecimento do que ele chama de inteligência propriamente dita, isto é, a compreensão das relações que podem existir, não somente da pessoa e entre os membros da sociedade, mas também entre os diferentes objetos ou entre as diferentes noções sobre as quais a criança pode sancionar...

...Estas concepções da inteligência e sobretudo das relações sociais da criança, é na minha opinião, um pouco esquemática. Em todo caso ela sustenta, como postulado que a criança não teria verdadeiras relações sociais antes da idade de seis ou sete anos. Ele também sustenta como as únicas relações sociais imagináveis, relações de reciprocidade, de igualdade, isto é, relações que são talvez o ideal de certas sociedades, mas que não existem, de fato, em todos os grupos humanos que é necessário no entanto chamar de grupos sociais..."

O autor citado, questionando a implicação valorativa caracterizada pelo referencial teórico de J. Piaget, remete-nos a uma possível reflexão do que seria uma relação social ou o próprio processo de socialização. Um aspecto importante que pode ser levantado a partir da crítica de H. Wallon, seria a tendenciosidade e limitação de objetivarmos um padrão específico e ideal de relação social, e a partir deste, elaborarmos uma sequência hierárquica e maturacional para explicar o desenvolvimento. O que Piaget postula como relação social contrária ao egocentrismo cognitivo, afetivo e social, seria a abstração, objetividade e a reversibilidade cognitiva das etapas posteriores do desenvolvimento das estruturas lógico-formais, elaborando desta forma um modelo continuista para explicar o processo e as transformações destas estruturas, negligenciando por outro lado de considerar as rupturas, os sal

tos e mudanças de formas de relações sociais ocorridas no processo de desenvolvimento. A socialização teria o sentido de uma atualização essencial, tendo como meta o estabelecimento de um padrão universal de relações sociais. As diferenças e mudanças observadas no processo, seriam o produto das transformações das estruturas cognitivas, onde a experiência ocuparia o papel de limitá-las ou atualizá-las. A negação e a inquietação do desejo do indivíduo, ou a criação e a sabotagem de sua história na e pela experiência social, seriam aspectos ausentes nas proposições do autor em análise.

Concluindo estes aspectos críticos, J. Maisonneuve (36) citando H. Wallon, nos informa que para este autor, "... a criança seria inicialmente um ser social; antes de mais nada percebe o laço de dependência para com os pais; entre estes e a criança, estabelecem-se, desde cedo, relações de compreensão e de meios de expressão. A descoberta do outro não está, pois, ligada a um processo de raciocínio lógico, mas à evolução de uma participação afetiva, a princípio muito confusa; a afloração do "ego" realiza-se, pois, ao mesmo tempo que a do "outro"; sua diferenciação é mútua e solidária, através dela é que se edifica progressivamente a personalidade psicossocial..."

Um tema importante que deve ser abordado sobre a primeira tese em estudo, seriam os conceitos formulados por S. Freud de narcisismo primário e secundário. Este item monográfico não teria a pretensão de analisar os fundamentos metapsicológicos destes conceitos, mas as implicações ideológicas concernentes ao objetivo do item em questão, ou seja, as possíveis articulações das relações indivíduo e realidade exterior no processo de desenvolvimento psicológico, e como o modelo teórico que fundamenta estes conceitos significaria o social e o psíquico.

Caracterizando os conceitos de narcisismo primário e secundário, S. Freud (18) lança a seguinte questão: "... Que acontece à libido que foi afastada dos objetos externos na esquizofrenia? A megalomania característica desses estados aponta o caminho. Essa megalomania, sem dúvida, surge às expensas da libido objetal. A libido afastada do mundo externo

é dirigida para o ego e assim dá margem a uma atitude que pode ser denominada de narcisismo. Mas a própria megalomania não constitui uma criação nova, pelo contrário, é, como sabemos, ampliação e manifestação mais clara de uma condição que já existia previamente. Isso nos leva a considerar o narcisismo que surge através da indução de catexias objetais, como sendo secundário, superposto a um narcisismo primário que é obscurecido por diversas influências diferentes..."

Complementando as características do narcisismo primário, S.Freud (19) afirma que, "...Com efeito, tivemos de recordar, a partir da história da evolução da libido objetal, que muitos instintos sexuais começam encontrando satisfação no próprio corpo da pessoa auto-eroticamente... e que essa capacidade para o auto-erotismo é a base do atraso da sexualidade no processo de educação no princípio da realidade. O auto-erotismo seria, pois, a atividade sexual do estágio narcísico da distribuição da libido..."

S.Freud com o conceito de narcisismo primário, caracteriza, não somente uma modalidade de relação objetal, como também, uma forma de identificação primária, que seriam pertinentes a uma fase de desenvolvimento libidinal, dentro de seu modelo econômico e de sua abordagem histórico-genética. Em relação à identificação primária, L.Grinberg (25) citando S. Freud, coloca que esta "...que descripta por Freud como una identificación que tiene lugar en la prehistoria del individuo, que es "directa, inmediata y anterior a toda carga de objeto". El objeto es el modelo que se quisiera ser. Está estrechamente ligada a la incorporación oral. Este tipo de identificación que se establece cuando aún no hay diferenciación entre el ego y el mundo externo, estaría relacionado con el narcisismo primario. Pero esa identificación primaria que es previa a toda carga libidinosa de objeto configura un estado narcisista que está, sin embargo, marcado por la existencia del objeto incorporado no catetizado y aún diferenciado del sujeto. (La identificación secundaria intenta la reconstrucción del objeto perdido en el yo, que busca y no "ser" sino "tener" el objeto)..."

Antes do prosseguimento do tópico em questão, po-

demos inferir dos conceitos de narcisismo primário e identificação primária, que estes seriam fundamentados pelo investimento libidinal do ego do indivíduo, investimento este que se originaria da constituição filogenética da espécie humana. Esta argumentação teria como base metapsicológica, segundo Rafael Paz (43) "...um modelo cerrado que "se abre" posteriormente hacia las relaciones objetales..." Através da colocação de Rafael Paz, percebemos que este "modelo cerrado", estaria justamente como objeto crítico deste item monográfico, não só pelo aspecto naturalizante que possui, como também por caracterizar os primeiros vínculos do desenvolvimento psicológico em um fundamento "a priori" ao outro e a experiência social, posição esta, semelhante à tese em debate remetida por J. Bleger.

J. Laplanche e J.B. Pontalis (33), apresentam mais uma argumentação crítica sobre o conceito de narcisismo primário: "...Dois tipos de objeções se podem opor a essa concepção do narcisismo:

- No plano da terminologia, esta acepção perde de vista a referência a uma imagem de si mesmo, a uma relação especular, que na sua etimologia o termo narcisismo supõe. Por isso pensamos que a expressão "narcisismo primário" é inadequada para designar uma fase descrita como anobjectal.

- No plano dos factos: a existência dessa fase é muito problemática, e alguns autores acham que existem desde logo no lactente relações de objeto, "um amor de objecto primário", entendido este como primeira fase anobjectal da vida extra-uterina, é rejeitada por eles como mítica..."

Esta mitificação citada, pode ser encontrada na dinâmica pulsional que fundamenta os conceitos em foco. Esta dinâmica negligencia uma estrutura vincular específica do desenvolvimento psicológico, em favor de um modelo explicativo centrado nos aspectos inerentes às propriedades dos impulsos. O narcisismo primário, como as primeiras formas de identificações, seriam resultantes de vicissitudes pulsionais, e não uma manifestação motivacional originada de fantasias inconscientes estruturantes e estruturadas por uma relação objetal específica. Para S. Freud, de uma forma geral, quando explicamos as

primeiras identificações e relações objetais, estamos de certa maneira colocando uma finalidade do impulso, finalidade esta, que para o autor (18), seria "...sempre satisfação que só pode ser obtida eliminando-se o estado de estimulação na fonte de impulso..."

A finalidade pulsional na argumentação freudiana, estaria configurada em um modelo econômico, modelo este, que caracteriza e autonomiza os conceitos em questão. A autonomia do narcisismo primário e da identificação primária seria caracterizada pela dinâmica pulsional do indivíduo, e não de uma relação deste com uma situação específica, onde as relações objetais como as identificações, teriam um sentido operativo e dialético, e não uma estática homeostásia. O narcisismo primário é dado, inato, e uma expressão naturalizante de enfocarmos os primeiros vínculos sociais.

A operatividade e instrumentalização negligenciada nos conceitos em análise, constitui ideologicamente à história do indivíduo, a presença de um modelo biológico evolutivo em sua explicação. Sobre estes aspectos, Aurora Pérez (44) afirma que "...En el devenir evolutivo del psiquismo hay momentos, los primeros estadios y aquellos en que el individuo se enfrenta, a lo largo de su maduración, con menoscabos y comprobaciones de sus "incompletudes", en que se hace necesario operar narcisísticamente..."

Criticando a abordagem freudiana a este respeito, J. Bleger (4) assinala que "...Freud tomó de la física mecanicista el concepto de fuerza y movimiento, e introdujo en el proceso psicológico; basando su teoría de la dinámica del proceso psicológico en el mecanicismo, aisló del contexto del proceso psicológico y de la dramática a las fuerzas actantes, bajo formas de instintos; y concibiéndolas como autónomas y adjudicándoles, en última instancia, la génesis exclusiva de la conduct, la teoría de los instintos se transformó así, al decir de Freud, en una mitología..."

A partir destas críticas, J. Bleger (4) propõe que "...La teoría de las relaciones objetales translada el énfasis de la teoría psicanalítica al estudio y comprensión de

la dramática en la conducta, pero de por sí -- y connotal -- no involucra ipso facto un cambio en la teoría de la dinámica, aunque lo estimula en buena medida. La teoría dinámica debe cambiar no sólo de enfoque, sino de contenido. Una dialéctica de la necesidad involucra la dramática y la dinámica, y la teoría de los instintos debe derivarse del conocimiento de la dialéctica de la necesidad, la teoría de la dinámica verá ocupado el lugar de la fuerza por el "impulso necesidad" integrado en el movimiento de las relaciones objetales. De esta manera, la necesidad subjetiva, percibida e actuada como impulso en el que basa la dinámica, constituye uno de los elementos de un contexto total, que llamamos "situación de necesidad..."

H.S. Sullivan (48) complementa a afirmación anterior de J. Bleger sobre a dialéctica da necessidade informando que, "...La actividad observada de la criatura, provocada por la tensión de necesidades, produce una tensión en la persona materno-fetal, tensión que es experimentada como ternura y como una impulsión a actividades tendientes a satisfacer la necesidades de la criatura..." Desta forma, Sullivan através do enfoque interpessoal, destitui da análise das necessidades como das primeiras tensões do indivíduo, o aspecto monádico e substancial do psiquismo, e o modelo homeostático em sua explicação.

O conceito de narcisismo na obra de M. Klein possui um significado singular, quando esta autora aprofunda e relewa as primeiras relações objetais do recém-nascido. Os conceitos de ego, ansiedade, mecanismo de defesa e fantasia inconsciente, entre outras, irão dimensionar o sentido de narcisismo como uma manifestação psíquica, ativa da criança em suas relações objetais, apesar da autora ainda fundamentar as primeiras ansiedades em termos da ação do instinto de morte. Garcia Reinoso (46) ilustra estes aspectos: "... Para Klein parece existir un estado narcisista ya que las relaciones objetales se instituyen desde el origen aunque exista un yo vagamente organizado. Por esta razón el narcisismo es siempre para ella un narcisismo secundario..."

Paula Heimann (30) prossegue estas considerações sobre a posição kleiniana, afirmando que: "...O auto-erotismo e o narcisismo são modo empregados pelo ego infantil para enfren

tar a frustração (e de novo contraídos, regressivamente, em certos estados psicopatológicos na idade adulta). Essencial - mente, empregam os mecanismos de introjeção e projeção por meio dos quais o ego infantil fica dotado de um bom objeto interior no corpo da criança, representado por alguma parte de seu corpo. Ambos os estados envolvem fantasias originalmente experimentadas no contato com um objeto..."

Uma outra contribuição de M.Klein sobre o problema em questão, diz respeito ao conceito de identificação projetiva. A introdução deste conceito na discussão em pauta, propiciaria serem discriminadas as extensões ideológicas deste, em relação ao de identificação primária de S.Freud. M. Klein (29) o define como: "...A identificação projetiva se liga aos processos de desenvolvimento que surgem durante os três ou quatro primeiros anos de vida (a posição esquizoparanóide) quando a divisão está no seu máximo e predomina a ansiedade persecutória. O ego está ainda em grande parte não integrado e, por conseguinte, passível de dividir a si suas emoções e a seus objetos internos e externos, embora a divisão seja também uma das defesas fundamentais contra a ansiedade persecutória... A identificação pela projeção implica uma combinação de expelir partes do eu e de projetá-las sobre pessoa (ou melhor) dentro dela. Tais processos apresentam muitas ramificações e influenciam fundamentalmente as relações do objeto..."

Os conceitos de narcisismo como o de identificação projetiva na obra de M.Klein, se fundamentariam no manejo da ansiedade, ansiedade esta que seria direcionada pelas funções do ego primitivo, em virtude do ego na obra kleiniana ter como função básica o controle das ansiedades. A identificação projetiva seria dessa forma, um manejo ativo e operativo da função egóica frente a uma determinada relação objetal específica e não, uma ação unilateral resultante dos princípios pulsionais inerentes ao aparelho psíquico.

Esta ação pulsional é criticada por W.R.D.Fairbairn (14), quando o autor assinala que: "...La mayor limitación de la actual teoría de la libido, como sistema explicativo, reside en el hecho de que confiere el status de actitudes libidinosas a varias manifestaciones que sólo son técnicas del

yo, para regular las relaciones de objeto... Sin embargo, debe tenerse siempre en cuenta que la actitud libidinosa no es lo que determina la relación de objeto, sino que la relación de objeto es la que determina la actitud libidinosa..."

Como tentativa de evitar possíveis distorções sobre a crítica freudiana, alguns aspectos devem ser observados. S.Freud (21) explicando a identificação primária, a caracteriza como: "...um derivado da primeira fase da organização da libido da fase oral, em que o objeto que prezamos e pelo qual ansiamos é assimilado pela ingestão, sendo dessa maneira aniquilado como tal. O canibal, como sabemos, permaneceu nesta etapa; ele tem afeição devoradora por seus inimigos e só devora as pessoas de quem gosta..."

A partir destes dados, podemos deduzir que o autor não estaria somente enfatizando os aspectos pulsionais ou unilaterais da identificação primária. S.Freud fala sobre uma "afeição devoradora" e sobre a finalidade ou o objeto desta afeição. Desta forma, uma dinâmica objetal já estaria presente nesta citação, e talvez o mais importante, o autor implicitamente estaria considerando o aspecto da falta, da ansiedade pelo objeto. Estes aspectos possuem relevância, em virtude de apontarem o aspecto defensivo da incorporação oral, a antropofagia de uma relação objetal, onde o "ser como o outro", objetivaria o anestesiamiento da carência, de uma falta deste ou uma forma de controlá-lo. O que se colocou como crítica anteriormente, seria a determinação libidinal como veículo da antropofagia da identificação primária, negligenciando o significado estruturador do vínculo, da falta, dos limites, das primeiras crises com que se defronta o indivíduo.

Concluindo a análise da primeira tese levantada, ou seja, a afirmação de que os primeiros estágios da vida do ser humano se caracterizariam por um isolamento, a partir do qual, gradualmente o sujeito vai se relacionando com outros seres humanos, encontramos uma síntese crítica de J.Bleger(8), onde este autor afirma que: "...esta afirmación es la quintaesencia del individualismo llevado al campo científico, en el sentido de que el individuo no nace como ente aislado y que, desde aquí, gradualmente va estructurando su naturaleza so-

cial por la pérdida de este aislamiento en pro de la asimilación de la cultura. En reemplazo de tal hipótesis no vi lleva do a concebir un estado de indiferenciación primitiva como punto de partida del desarrollo humano. Esto significa - entre otras cosas que ya no tenemos que buscar e investigar cómo el niño en el curso de su desarrollo se va conectando con el mundo externo, sino cómo se va modificando un tipo de relación (indiferenciado), para alcanzar en el mejor de los casos, un desarrollo de si identidad y del sentido de realidad..."

A fecundidade desta colocação de J. Bleger à Psicologia, estaria entre outras, em considerar o desenvolvimento psicológico num processo dialético, onde o conceito de identidade e sentido de realidade seriam específicos de uma organização do momento do processo, organização esta, que configura e particulariza uma multiplicidade de relações do indivíduo com seu desejo, como com o outro de sua experiência social. J. Bleger (8) fere um narcisismo interior às produções teóricas existentes, quando denuncia que: "...nuestra identidad e nuestro sentido de la realidad no constituyen la identidad y el sentido de realidad, sino una de las tantas y posibles organizaciones de los mismos..."

Retomando a segunda tese em análise, ou seja, a crença de que o fenômeno psicológico começa sendo mental, e que este tem que ser originariamente mental, alguns pontos devem ser considerados.

Os aspectos ideológicos sustentados por esta tese teriam como uma de suas características o psíquico sendo uma forma característica de ser, forma esta, que constitui a essência diretriz do desenvolvimento humano. O que pode ser deduzido destes aspectos, é que esta posição recai no mito religioso de uma energia originária, colocando o corpo como espaço e existência hierarquicamente inferior a uma essência mental inerente à natureza humana. O corpo seria o receptáculo do mental, o instrumento onde o psíquico se expressaria e se atualizaria, configurando deste modo, uma estática e mórbida dissociação. O corpo nada mais seria do que representação.

M. Merleau-Ponty (40) refletindo sobre as conside-

rações em análise assim expressa: "...Mas se o corpo exprime a cada momento as modalidades da existência, ver-se-á que não é do mesmo modo como os galões significam a graduação ou como um número designa uma casa: o símbolo aqui não indica apenas sua significação, ele é habitado por ela, ele é, de certa maneira, o que ele significa, assim como um retrato é a quase presença de Pedro ausente ou como as figuras de cêra na magia, são o que representam..."

O mentalismo sustentado pela tese em foco, configura-se como o próprio isolamento social do indivíduo, em virtude deste não ter um corpo entre outros, onde a expressão e o sentido corporal não se estruturariam como produto das diferenças e articulações da experiência, mas como um instrumento solitário de sua natureza fechada às contradições do existir com o outro de suas relações como com sua própria cultura. O indivíduo nesta abordagem, não seria seu corpo, mas o teria como objeto de retificação de seu solitário mentalismo e do destino natural delegado por um poder que transcende ao seu desejo. O corpo teria um sentido estático, paralisado de instrumentalização e atuação no existir, através da programação biológica, cultural e social.

A paralisação do corpo em virtude de o desprovermos de uma participação ativa na construção do eu como do não eu, negligencia também, a possibilidade de apreendemos a dinâmica ou a reificação psicológica e cultural na formação do Sujeito do desejo. O corpo reificado por um poder biológico ou cultural, dissocia de um cotidiano como de uma construção histórica individual ou grupal, o protagonismo do indivíduo no reconhecimento e descobrimento através e pela experiência corporal. Sabemos que na enfermidade mental, como na ação de determinados estereótipos culturais, nem sempre somos donos e Sujeitos de nossos próprios corpos. Deste modo, a mitificação do mental teria como coexistente, a fetichização do significado do corporal. O corpo seria um estranho e ameaçador fantasma.

Sobre estas reflexões, L. Grinberg (23) ressalta que "...la noción del cuerpo resulta esencial para la consolidación de la identidad del individuo. Todo el mundo se experimenta a si mismo como ligada inextricablemente a su cuerpo. En

la medida en que uno percibe que está vivo, siente que es real y sustancial. En la medida en que se siente consubstanciando con su cuerpo tendrá también un sentido de su continuidad personal en el tiempo, y de la continuidad de sus relaciones objetales y sociales ocurridas durante el curso de dicho tiempo..."

L. Grinberg em suas considerações anteriores, enfatiza um aspecto primordial em relação à experiência corporal, que seria sua estreita vinculação à construção da identidade psicológica. Os momentos críticos que ocorrem no desenvolvimento psicológico, como no nascimento, desmame, a exploração locomotora, adolescência, climatério e a velhice, possibilitam ao conceito de identidade, um sentido não substancializado ou idealizado, e sim, um produto de uma relação dialética entre o corpo, o outro e o desejo. A naturalização do corpo ou de sua inclusão em um paralelismo com o "mental", além de desprever do indivíduo sua possibilidade como Sujeito, nega ao desenvolvimento psicológico, uma descontinuidade resultante das crises e rupturas ocorridas em seu processo, naturalizando também o sentido do psíquico como do próprio desejo.

O autor citado (23), aprofundando suas considerações sobre a importância do corpo na construção da identidade, assinala a contribuição de J. Lacan, afirmando que "...Lacan postulou la importancia de lo que denominó la "fase del espejo" en torno del problema de la identidad. En esa experiencia que, según Lacan, conserva todo su sentido hasta los diez y ocho meses de edad, el niño conquista fundamentalmente una determinada imagen, la de su proprio cuerpo, y es la que estructura al yo antes de que el sujeto se comprometa en la dialéctica de la identificación con el prójimo por la mediación del lenguaje. También Lacan sostiene que el niño tiene al principio una fantasía de su cuerpo fragmentado, con dispersión de sus miembros. La unidad del cuerpo es el resultado de una conquista. La función del espejo consistirá en poner fin a la dispersión angustiante al integrar al niño dentro de una dialéctica que lo constituirá como sujeto. La fase del espejo se puede decomponer en tres etapas. En primer término, el niño percibe su reflejo en el espejo como si fuera un ser real que intenta captar. Posteriormente, el niño se dará cuen

ta de que la imagen del espejo no es un ser real y ya no trata de aprehenderla. Finalmente, reconoce que la imagen del espejo es su propia imagen. A través de esta dialéctica del ser y la apariencia, se obtendría la conquista de la identidad del sujeto, por la imagen total anticipante de la unidad del cuerpo. La identificación primitiva de la fase del espejo sería la raíz de todas las posteriores identificaciones del sujeto..."

Outro autor que considera como relevante a experiência corporal no desenvolvimento psicológico, seria Freud (20). Para este, "...o ego é, primeiro e acima de tudo, um ego corporal; não é simplesmente uma entidade de superfície, mas é, ele próprio, a projeção de uma superfície... Isto é, o ego em última análise deriva das sensações corporais, principalmente das que se originam da superfície do corpo. Ele pode ser assim encarado como uma projeção mental da superfície do corpo, além de, como vimos acima, representar as superfícies do aparelho mental..."

D.García Reinoso (46) considerando também a proposição freudiana apresenta a seguinte argumentação: "...Pensamos seguindo a Freud que si el yo es primero un yo corporal (yo no estructurado como distinto de tú y de él) es decir, un "yo" vivencial de partes y fragmentos, el no-yo es también primero un no-yo corporal. Así el yo corporal, esa superficie, esa proyección de una superficie, essa cinta de Molius, es una relación o vínculo en el cuerpo y por el cuerpo con objetos externos, dado en las experiencias de placer y displacer de sus necesidades..."

Através das informações até aqui apresentadas, podemos deduzir, que a vivência corporal não estaria somente fundamentada na construção do eu, mas estruturaria um primeiro vínculo social em virtude de estar ligada à experiência de prazer e desprazer, gratificação e frustração em relação ao objeto. Os aspectos ideológicos destas proposições expressariam a negação de um mentalismo psicológico, de um naturalismo corporal, relativando o próprio sentido do que seja o corpo como objeto de reflexão, ou seja, não teríamos somente um corpo biologizado que determinaria um repertório de condutas

ou emoções em um modelo explicativo de causa e efeito mecanicisticamente, mas uma relação dialética presente no próprio existir, onde teria uma diversidade de significações e comunicações, podendo ser caracterizado como a própria conduta^(*) e não o instrumento desta.

J. Bleger (8), rejeitando o apriorismo de mental, considera que: "...el fenómeno mental es una modalidad de conducta, inclusive de aparición posterior a las otras, y que las primeras estructuras indiferenciadas sincréticas, son relaciones fundamentales corporais..."

O autor citado (8) integrando a vivência corporal na construção do mundo interno como na dinâmica social assimila que, "...En un comienzo sólo existe el área corporal: todo es el cuerpo, el cual está, incluso, indiviso con el mundo externo en un estado que se llama transítivismo y todo ocurre en el cuerpo; el sujeto y el mundo es el cuerpo. Con la discriminación progresiva entre el cuerpo y el mundo externo, se incorpora este último como una nueva área. Posteriormente, en forma muy gradual, se incorpora el área de la mente, la capacidad de simbolizar y remplazar la acción conscrita y los objetos concretos por sus símbolos, sin confundir, además, el símbolo con lo simbolizado..."

O corpo como conduta e elemento integrante e integrador de um vínculo específico nas proposições de J. Bleger, não tem o sentido de mistério, de depósito, caracterizando todas as determinações desconhecidas de comportamento humano em forma psicótica de enfocarmos a totalização e reconhecimento do

(*) O termo conduta, empregado nesta monografia possui o sentido dado por E. Pichon-Rivière (45): "...desde un enfoque totalizador, definimos la conducta como estructura, como sistema dialéctico y significativo en permanente interacción, intentando resolver desde esa perspectiva las antinomias mente-cuerpo, individuo-sociedad, organismo-medio. La inclusión de la dialéctica nos conduce a ampliar la definición de conducta, entendiéndola no sólo como estructura, sino como estructurante, como unidad múltiple o sistema de interacción..."

Sujeito em seu processo de conhecimento. J. Bleger o inscreve na formação da historicidade como elemento integrante e integrador de um vínculo específico, integrando-o na formação da historicidade como elemento propulsor ou paralizador do processo dialético que a constitui.

Analisando estas considerações sob o ponto de vista do sincrônico, ou seja, focalizando a organização de uma multiplicidade de relações produzidas por um vínculo específico fora do diacrônico ou histórico, deduzimos que o vínculo simbiótico ao nível da corporeidade veicula características específicas na elaboração do simbólico, do mundo interno como do externo, isto é, o corpo caracterizar-se-ia como não simbólico e indiscriminado de seu significado social. A importância destas afirmações para a Psicologia Clínica como para a Psicologia Social, estaria na possibilidade de apreendemos os níveis de dissociação das gestaltes: campo terapêutico-percepção corporal e prazer corporal-reconhecimento como Sujeito.

Refletindo sobre a primeira gestalt, percebemos o quanto o corpo como conduta poderá se instalar como ausente, em virtude do vínculo terapêutico estar simbioticamente constituído, ficando a percepção corporal dos interlocutores do diálogo clínico dissociada da configuração estruturada pelo campo terapêutico. A estagnação do campo terapêutico através da não relação de seus integrantes, isto é, da não dessimbio-tização do vínculo terapêutico, poderá acarretar na obstrução do "ouvir com os olhos" do discurso clínico como coloca M. Masud R. Khan (28) "...Não tive em mãos, até hoje, nenhum trabalho que discuta a contribuição feita ao nosso conhecimento e experiência de um paciente através do olhar para a pessoa dele ou dela como um corpo, em oposição a olhar para o material verbal e as reações afetivas na situação analítica. É evidente que todo analista olha para o paciente, mas a questão é: quanto ele usa desta informação perceptiva e de que modo..." M. Masud R. Khan (28) justifica o levantamento: "...Estou ouvindo uma moça, mas vejo um rapaz no divã..."

A presença neste item monográfico das colocações de M. Masud R. Khan, deve-se a contribuição deste autor nos

remeter para estudo, a configuração corporal como uma forma de linguagem, e não o efeito de uma causa psíquica interiorizada. Implica também, em uma abertura e uma denúncia, em virtude de questionarmos a neutralidade e a naturalização da percepção corporal. O campo terapêutico estando paralisado, ou seja, terapeuta e paciente incorporando e representando papéis que compactuem com um funcionamento silencioso de significação, parcializará não só a dimensão afetiva e cognitiva da relação, mas talvez, os próprios órgãos dos sentidos. Estará dissociado do ver com sentir, escutará distante do estar com o outro. O que será visto só dirá respeito a um corpo que complementa e alimenta um discurso não dito. Sua visão nunca se surpreenderá.

M.Masud R.Khan (28) esclarece suas proposições colocadas anteriormente afirmando que "...Ouvir com os olhos diz respeito a conhecer o outro amor. Ouvir com os olhos diz respeito a conhecer o outro através da experiência visual que temos dele ou dela. Não creio que este tipo de trabalho clínico seja possível fora de uma simpatia positiva e explícita pela pessoa do paciente e uma grande consideração pela sua presença corporal. Nestas circunstâncias, se não olhamos para um paciente e o, ou a, reconhecemos, falhamos no nosso empreendimento. A iconicidade da presença corporal de um paciente precisa ainda ser apresentada na sua gramática e na sua semântica. Mas a nossa ignorância de tal tema não nos deve desencaminhar, levando-nos a acreditar que ela, ou não existe, ou não é importante... Na temática do clínico, a pureza do olhar está ligada a um certo silêncio que permite ouvir..."

J.Bleger, como foi colocado em outros parágrafos assinala que a simbiose corporal seria anterior e precursora do processo de simbolização. Continuando a análise deste vínculo em termos sincrônicos, podemos acrescentar, que a manutenção da naturalização corporal dos interlocutores do discurso clínico seria a expressão de uma ideologia específica sobre o trabalho terapêutico. O apriorismo do significado corporal no contato terapêutico como, o corpo que adoce e o que cuida, ou, o corpo que se excita e o corpo neutro, sendo paralisado de possíveis outras comunicações e sentidos, pode

ser caracterizado como um vínculo simbiótico ao nível corporal. O apriorismo veicularia a negação do imprevisível e do simbólico, que ameaçaria o onipotente poder do "cuidado" no trabalho clínico. O simbólico negado exclui a possibilidade de na relação terapêutica, do corpo do paciente não ser o veículo exclusivo das comunicações, mas também o corpo do terapeuta por um instrumento de leitura e operação da gestalt estruturada pelo campo terapêutico.

Sobre estas considerações, M. e W. Baranger (2) as sinalam que, "...La participación del cuerpo en la situación analítica no es, en ninguna forma, privativa del analizando. Cada analista participa de la ambigüedad corporal y contesta con su propio cuerpo a la comunicación inconsciente del analizando. Elabora él también, un lenguaje corporal para contestar a determinadas modificaciones del campo. Retomando las observaciones de Léon Grinberg prodíamos llamar este fenómeno "contraidentificación proyectiva corporal". En estas manifestaciones corporales el analista responde a una invasión de parte del analizando, quien está colocando en él un aspecto de sus vivencias..."

A partir destas observações, a inclusão das operações técnicas citadas no parágrafo anterior, não significam somente uma maior instrumentalização do campo terapêutico, mas uma caracterização ideológica que substitui e refuta o sentido de um corpo que cuida de outro, por um corpo que fala e responde a outro. A simbiotização corporal do diálogo clínico, obscurece a leitura e a compreensão do contraste do corpo enquanto ouvido, do corpo fantasma, isto é, dentro de um enquadre terapêutico ideologicamente naturalizante e repressor, o que se vive corporalmente dentro da relação, mas transgredindo o estabelecido e o esperado pelo enquadre, não terá o sentido comunicacional e operante, mas um perigoso fantasma que será necessário afastar e reprimir. Deste modo, a introdução da contraidentificação projetiva corporal, possibilitaria ao terapeuta, e talvez à ideologia do enquadre terapêutico, de escutar e sentir o que seu corpo fala e esconde.

Antes de uma focalização sobre a gestalt citada

anteriormente, ou seja, o prazer corporal-reconhecimento como Sujeito, uma advertência conceitual deve ser assinalada. A referência ao prazer corporal, não estaria na razão sensorial ou fisiológica, mas referido a um produto relacional, onde o sentir integra-se ao existir. Este prazer não seria uma descarga, um comportamento biológico ou a expressão de uma narcísica sexualidade, estaria sim, estruturado, por uma organização vincular onde a descoberta e a produção de conhecimento em relação ao outro seria marcante. Em um vínculo simbiótico ao nível do corpo, o prazer em relação ao outro não produz a vivência de estarmos separados deste, e a inquietação em descobrirmos o significado de nossas diferenças corporais, como da própria existência desta diferenciação. Pelo contrário, no lugar da inquietação, teríamos o pavor, e a tentativa de negar a separação e restituir o vínculo a um amorfo e compacto único corpo. J. Bleger (7) ilustras estas colocações transcrevendo um fragmento do romance "O repouso do guerreiro": "... Deslizou suas mãos sob minha saia e me acariciou. Logo depois me possuiu bruscamente na cozinha, jogada sobre a mesa, entre os pratos sujos: queria fundir-nos na trivialidade de nossa situação e obrigar-me a essa cena. Na saturação - já conseguia distinguir nele a saturação da embriaguez latente -, tinha métodos animais e se tornava mais rápido, sem lhe importar nada o meu prazer..."

O prazer nesta estratégia vincular seria a constatação pelo outro da ilimitação corporal em uma mórbida onipotência, ou a ratificação do imaginário sentido de uma fusão atemporal, não contraditória onde a vida e a morte não se diferenciariam. Deste modo, a simbiose corporal impede a emergência de uma história pessoal, em virtude de nela encontramos a ausência de um protagonista na construção de sua temporalidade, como das múltiplas significações que poderá dar ao seu corpo e ao do outro. Esta temporalidade obstruída fala-nos J. Bleger (7): "... A vivência do tempo se conjuga ao deslocamento no espaço em direção a diferentes objetos. "A temporalidade só pode surgir onde o corpo distingue as sensações reais de gratificação e frustração (Koolhas)". Se há um só vínculo e uma só experiência uniforme, então não há possibilidade de se vivenciar o tempo..."

Estes fusionamentos corporais não deveriam ser restritos a uma trama do subjetivo, a um inconsciente grupal, se não quisermos cair em um psicologismo. Observando o comportamento de determinados indivíduos em seu cotidiano, percebemos o quanto são eles submetidos não apenas em uma não consciência de classe como também em uma não consciência de corpo. "...É sem dúvida, fala-nos M. Foucault (17), preciso admitir que uma das formas primordiais da consciência de classe, é a afirmação do corpo; pelo menos, foi esse o caso da burguesia no decorrer do século XVIII; ela converteu o sangue azul dos nobres em um organismo sã e uma sexualidade sadia; compreende-se por que levou tanto tempo e após tantas reticências a reconhecer um corpo e um sexo nas outras classes - precisamente naquelas que explorava. As condições de vida impostas ao proletariado, sobretudo na primeira metade do século XIX, mostram que se estava longe de tomar em consideração o seu corpo e o seu sexo..."

Suponhamos que nos objetos ou máquinas de algumas fábricas, para exemplificar as colocações anteriores, encontramos às vezes, fotografias cróticas coladas, como se o operário, aparentemente, tentasse quebrar o tédio de sua rotina dentro da fábrica. Talvez a permissão dos dirigentes não seja somente uma liberalidade. A máquina com o retrato de uma atraente e famosa atriz, daria a "José", a satisfação de um contato físico e "real" com seu ídolo. A máquina constituiria uma parte de seu excitado corpo. "José" a acariciaria pela manhã, se excitaria à tarde com seu enferrujado contorno, e no final do dia, iria para casa sem perceber que seu instrumento de serviço esteve fusionado ao seu imaginário orgasmo corporal. Seu corpo cansado e explorado dentro da fábrica é abafado e anestesiado no dia seguinte por mais uma fotografia sobre seu instrumento profissional. O corpo concreto, construído pela reflexão e discriminação de seu produto de trabalho com suas necessidades básicas de sobrevivência, é negado pelos interesses de sua fábrica. "José" vive em um corpo imaginário, onde seu torna é seu pênis, e as outras peças, o lustroso órgão sexual ainda cheirando a óleo de sua apaixonada atriz, mas o orgasmo real estaria em outros níveis administrativos da empresa. "José" funde-se com seus

instrumentos de rotina, não percebendo que entre ele e os apetrechos de seu ganha-pão, existe um trabalho sabotador de seu corpo real e concreto.

G.Mendel (39) ilustra estas reflexões, comentando que "...en algunas empresas japonesas de envergadura - p.e., la fábrica Matsushita - existe una sala de impugnación en la que, como en los juegos de tiro al muñeco de las ferias, hay muñecos de trapo y madera cuyos rostros representan a los directores. Cuando un empleado está descontento va a ese lugar, empuña una cachiporra y los golpea..."

As considerações anteriores não tem o único objetivo de ressaltarem o controle de um sistema explorador sobre uma determinada classe social. O que se pretendeu focalizar, seria uma possível saída social enferma, ou seja, o vínculo funcionado de uma classe social específica, frente às situações de coação e controle a que possa estar submetida. Os aspectos pertinentes à caracterização e análise da patologia do vínculo institucionalizado, serão desenvolvidos nos capítulos posteriores.

O corpo imaginário, mágico e onipotente de "José", como de outros indivíduos de outras classes sociais, raças e traços caracterológicos, remete a um vínculo narcísico em relação ao contexto afetivo e social em que se inserem. Narcísico em virtude de intencionar a objetivação de um prazer de suas imaginárias necessidades, e de excluir o estabelecimento das crises e angústias dos limites e frustrações do cotidiano. Este corpo imaginário, criado pelo desespero de seu autor e pela exploração e violência de seus interlocutores, é um corpo sem história. "José" em seu trabalho não consegue perceber a exploração de amanhã. Não consegue perceber que há anos, apesar das mágicas promessas de sua televisão, seu corpo apodrece. Não consegue perceber, que o futuro que lhe foi prometido é semelhante ao seu passado e ao seu presente. "José" constroi seu tempo em uma mágica solidão. Não consegue perceber que o oleoso orgasmo fictício é diferente do da noite cansada com sua mulher. Seu corpo é atemporal, e desta forma, impossibilitado de se inscrever ao seu desejo e fazer história.

Concluindo este item, o conceito de simbiose como

o primeiro vínculo corporal do indivíduo, caracteriza uma ideologia específica à Psicologia do Desenvolvimento, ideologia esta, que consideraria de mais relevância as seguintes proposições:

1 - A dialética do indivíduo na construção de sua história, na medida em que não seria regulada por apriorismos mentais ou biológicos;

2 - A possibilidade de caracterizarmos o corpo como um vínculo social;

3 - O regressivo ou patológico no desenvolvimento psicológico, poderia ter como uma de suas características a simbiotização corporal, impedindo o estabelecimento de uma identidade temporal e social;

4 - Seria integrar desenvolvimento psicológico à história do desejo, ou às rupturas de constantes simbiotizações;

5 - O conceito de simbiose levaria ao processo de desenvolvimento, a saída de um idealismo e de um materialismo mecanicista no objeto de análise, como em sua explicação;

6 - Colocaria o outro, em forma de um elemento vincular ou da própria cultura, como integrante mobilizador de uma construção histórica individual.

1.3- O lugar da simbiose na história psicológica

O objetivo deste item, seria localizar e questionar a importância do fenômeno da simbiose enquanto integrante e mobilizador de uma história psicológica. Partimos do pressuposto que, explicar o desenvolvimento psíquico não seria concomitantemente a narrativa de uma história devido a determinadas teorias que impedem dentro de seu marco metodológico e ideológico, a instauração de um referencial teórico, que possibilitaria a investigação de uma historicidade. Sobre estas considerações, M. Mannoni (38) nos adverte que , "... o que nos aborrece hoje ainda, tanto em pedagogia como em psicanálise e a preponderância das teorias de desenvolvi-

mento. Estas não levam em conta a história do sujeito senão enquanto vem favorecer ou impedir uma maturação..."

Partindo das preocupações de M. Mannoni, a simbiose não será analisada em um parâmetro teórico que o nomeará como uma patologia ou normalidade do desenvolvimento psicológico, mas qual seria sua relevância na tentativa de apreendermos a dialética da relação e da não relação social na construção do Sujeito do conhecimento, e também, sua fecundidade na caracterização de um processo onde o que se focalizaria seria sua estrutura, e não somente uma descrição. Exemplificando estas reflexões, podemos olhar para "Pedro" e dizer: Pedro viveu, adoece e amanhã morrerá, mas uma outra consideração pode ser efetuada: Pedro viveu pensando na vida e na morte, adoece com medo da vida e amanhã morrerá com medo de morrer. Este exemplo não seria um jogo de palavras, mas na forma de caracterizarmos uma história, em que ao ser narrada, o desejo e o não dito devem ser também chamados à cena. J. Rafael Paz (43) complementa o exemplo com a seguinte colocação: "...Cual es la historia que nos interesa recuperar? Si, por supuesto, en un plano de comprensión primera, la dramática sucesiva (drama propiamente dicho, o comedia o farsa) que transforme la temporalidad (cronos) vivida, en crónica expresable... Pero, sobre todo, la subhistoria latente que eslabona y torna coherentes las lagunas de la historia manifiesta..."

Seguindo a preocupação do autor citado, não nos interessa neste trabalho descrever as transformações temporais que teria o vínculo simbiótico no transcorrer do desenvolvimento psicológico, mas como este vínculo organizaria a própria temporalidade, o corpo, o espaço e o outro em uma "crónica expresable". Ao contrário de uma preocupação com o regressivo ou com o progressivo da simbiose, lançaríamos o olhar na dimensão não como estado ou vínculo natural, mas como técnica expressiva, de uma dramática inquieta do processo de vida e de morte do Sujeito do desejo, do conhecimento e do seu corpo.

J. Hochmann (26) organiza uma série de proposições para explicar o processo de personificación, que seria o mes

no sentido dado ao que foi colocado como Sujeito do conhecimento dos parágrafos anteriores, utilizando uma argumentação que tem como fundamento básico a dinâmica da simbiotização e da dessimbiotização, ou nas palavras do autor, fusão e defusão, na história psicológica.

J.Hochmann (26) desenvolve sua tese tendo como referência uma "teoria do conjunto humano". O autor define como: "...un coynto humano puede ser la red de las comunicaciones que se intercambian en el interior de una familia, casa, empresa, institución hospitalaria o pedagógica, o de la sociedad global, por medio de sucesiones de "oposiciones significativas" (que suelen llamarse "individus") en presencia de un Tercero, es decir, de la trama institucional del sistema en cuestión (el coynto de los otros "individus" y los contratos y reglas que rigen sus intercambios)..."

Em resumo, o que J.Hochmann enfatiza como elemento propulsor de um processo que tente explicar a personificação ou individuação humana seriam as relações interpessoais, e principalmente, o conteúdo latente que as configura em diferentes expressões. Estas relações interpessoais não seriam um simplório modelo de interações afetivas socialmente ditadas por uma ideologia socio-cultural específica, onde se negligenciaria a construção do Sujeito e a importância do desejo, mas o produto pleno da dramática humana. Este drama, o autor (26) o caracteriza em uma postura dialética que o singulariza de outras conotações: "...el drama humano de la "personificación" se representa en todo momento en oposición a una tendencia mortal al reposo, en contra de un deseo fundamental de recrear el nirvana fusional..."

Deste modo, J.Hochmann definindo a dramática humana explicita um aspecto fundamental, que seria a dinâmica das oposições e das conformidades sociais na explicação do processo. O indivíduo não teria na trajetória para sua individualização a presença de um tranquilo destino biológico religioso ou cultural. Para o autor, a individuação é um processo inquietante, construído, onde o outro é também protagonista. A fusão ou simbiose como recriação de um estático nirvana, seria o elemento do par dialético que caracterizaria o

aspecto sabotador do doloroso drama humano, onde o indivíduo é chamado a se relacionar, a se separar de uma mágica proteção com o outro, enfrentar os limites de seu corpo, perceber que é só, a falar com a vida, acreditar na existência da morte, a brigar, amar, lutar, e principalmente, viver.

Considerando a dialética da fusão e da defusão, coloca J.Hochmann (26) que, "...la persona se constituye en la negación de la simbiosis; se llega a ella venciendo las tendencias que impulsan a la fusión... En todo momento, la dialéctica fusión-desunión-indiferenciación en un plasmidio impersonal, individualización por la triangulación y en ella prosigue su ritmo desigual. A lo sumo, se podría otorgar un papel predominante a tal o cual época de la vida, pero eso significaría fijar en forma arbitraria a este proceso vivo..."

Antes de uma pormenorização das informações do último parágrafo, seria importante descrever as características da simbiose em termos diacrônicos, segundo o autor citado anteriormente.

"...Al principio", fala-nos J.Hochmann (26), "todo se encuentra sumergido en el océano fusional de la vida intra uterina..." A relação feto-mãe será desta forma, o primeiro vínculo simbiótico não só ao nível do corpo, como também, nas representações afetivas originadas pela vivência biológica. O feto terá no corpo materno a fonte de sua sobrevivência, assim como, a mãe terá em seu filho, o depositário de seus desejos, a continuação de seu corpo, projetando neste, as sensações e afetos estruturados pela experiência singular em que vive.

Com o nascimento, surge a primeira defusão tanto biológica como psíquica. Estaria consolidada a primeira separação vivida ao nível do corpo e do afeto. A primeira perda para ambos os integrantes do vínculo fusionado. O início de uma experiência dolorosa ou /e apaixonante da separação e dos limites corporais. Utilizando a linguagem do autor em pauta (26), teríamos "...el fin de una relación. Con frecuencia, en las horas que siguen al parto, la madre tiene extrañas pesadillas en las que destruye a su hijo, lo deja caer en al -

gún precipicio, o ve surgir de sí un monstruo en lugar del lindo bebé que esperaba..."

Estas colocações, apesar de aparentemente enfatizarem características patológicas do parto, relevam os aspectos latentes de uma experiência, onde ocorrendo uma ruptura de um vínculo anterior, possivelmente será mobilizado não só um novo bebê, mas uma nova relação afetiva e corporal. Agora teremos dois corpos a se confrontarem. A aceitação desta separação não é tão amena quanto propaga nossa "maternal" sociedade.

Através da movimentação dialética que caracteriza o processo de individuação, uma nova simbiose pode ser instalada. Assinala J.Hochmann (26): "...del estado placentario se pasa al de amamentamiento. Por intermedio de la lactancia, tanto natural como artificial - en la que el liberón reemplaza al seno y prolonga a la madre -, se reconstituye una nueva entidad fusional... El niño se encuentra en un estado de extrema dependencia... En la representación de la madre, el elemento exterior que desencadenó la angustia (p.y., una que rella doméstica) se olvida con rapidez, se escotomiza esta irrupción del mundo circundante en la relación fusional. Todo se relaciona con lo que el niño: "Si lloras, es porque su fres, se sufres, yo también sufro..."

Esta modalidade vincular simbiótica teria características onipotentes e parciais em sua configuração. Onipotente, em virtude dos integrantes do vínculo referenciarão ao outro, a causa e o efeito de suas ansiedades. Exemplificando estes aspectos: meu filho chora porque eu não estou perto, minha mãe não está presente porque tenho fome. Onipotente também, devido a não diferenciação de um intercâmbio entre os elementos do vínculo. O outro não seria vivido como alguém que possa me dar algo a receber, e sim, a ratificação e o reflexo de meu mundo interno. Como nas palavras de J. Bleger (8) "...En rigor, debiera hablarse de simbiosis cuando la proyección es cruzada y cada uno actua en función de roles compensatorios del otro..."

A parcialização afetiva do vínculo, caracterizar-

seria para J.Hochmann, no mesmo sentido criado por M.Klein, isto é, tendo a finalidade defensiva, de amenizar a ansiedade persecutória emergida das fantasias de separação e de abandono que ameaçariam a fusão homeostática simbiótica. Os integrantes do vínculo parcializariam suas emoções e as do outro, em uma estratégia onipotente para controlá-los.

Uma integração, destas duas modalidades de relações objetais em termos defensivos, é esboçada pelo autor em pauta da seguinte forma (26): "...Desconcertados en su búsqueda fusional, madre e hijo se miran como en espejo, se buscan mutuas semejanzas, para reconstituir su pareja primitiva y vencer, una vez más, la angustia de la separación, signo de una amenaza siempre presente que impide la quietud fusional..."

A partir das experiências corporais vividas na amamentação e no desmame, das frustrações e gratificações vividas no vínculo mãe-filho, em termos de separações espaciais, intercâmbios como "...sonrisa-caricia, succión-leche", na tese de J.Hochmann, possibilitam ao vínculo, a experiência de uma multiplicidade de sensações e sentimentos, que através de suas diferenças, abririam possibilidades de contato com os limites sensoriais e afetivos. Construída a discriminação dos limites e dos interlocutores, estruturar-se-ia para o autor, mais uma nova separação: "...El niño reconoce a su madre, y esta comienza a entender el lenguaje infraverbal de su hijo, aprende a decifrar sus mensajes, da sentido a sus gestos, gritos, balbuceos, e incluso a sus actividades esfinterianas. Pero una vez más, esos intercambios hacen presentir la separación. Volver autónomo es quedarse solo, emerger de una fusión. La angustia invade a la pareja madre-hijo, y el niño testimonia esta angustia con su depresión..."

O objetivo deste item, como foi colocado anteriormente, não seria uma exaustiva descrição dos vínculos simbióticos existentes na construção da história psicológica. A exposição das considerações anteriores, objetiva um maior esclarecimento sobre a dinâmica do processo assinalando e enfatizando o sentido defensivo e comunicacional da simbiose frente às angústias suscitadas pelo intercâmbio afetivo, e do reco-

nhecimento afetivo de uma solidão que mobiliza a desmitificação da mórbida unidade ditada pelo medo.

A escolha nesta análise das contribuições de J. Hochmann se deve ao fato dele ideologicamente compartilhar da postura teórica até então desenvolvida neste trabalho. Com estes adendos, estaria uma justificativa para a preponderância de citações deste, bem como a discussão e apresentação da singularidade que este autor empresta ao tema em análise.

O que foi visto e discutido até o momento, é que a instauração de um vínculo fusionado ou a sua defusão, não seria uma condição "a priori" do desenvolvimento psicológico. O lidar com as angustias que emergem do desequilíbrio da fusão, através da bagagem experiencial, social e cultural de seus integrantes, veicularão a direção do processo, daí, uma das perguntas que fundamentam a existência desta monografia: De que modo podemos caracterizar e discriminar os impedimentos institucionais na obstrução do diálogo entre o indivíduo e seu desejo com outro, como com sua própria cultura, e quais seriam as estratégias institucionais para a manutenção de um vínculo fusionado e conseqüentemente a negação da historicidade?

O desenvolvimento desta questão, será o tema do próximo capítulo, mas J. Hochmann apresenta um novo elemento direcionador da defusão ou da simbiose: o Não. Esclarecendo, escreve o autor que, "...después de la sonrisa del segundo mes - que ya indicaba su reacción personal y su diferencia -, después de la depresión del octavo mes - consecutiva a la captación de la ausencia y, por lo tanto de la autonomía de la madre con relación al hijo -, el no que el niño expresa con vigor es, según Spitz, el tercero y principal organizador de la personalidad. Al decir no, el niño se afirma como resultante distinto de su madre, y, a la recíproca, al decir no a su hijo, al frustrar su deseo, la madre corta de nuevo el cordón umbilical..."

A negação não corresponderia somente a uma reação ao fusionalismo e a uma das tentativas para a individualização, mas propiciaria também ao vínculo simbiótico a desestruturação de um mundo onipotente e parcial. Em um mundo onipo-

tente não existe intercâmbio, não existe a vivência de crises, carência e limites entre seus integrantes. Nada precisa ser negado e reivindicado, em virtude da paralização do mundo fantasmático de seus protagonistas. A paralização teria como objetivo, afastar as mudanças, transformações, que seriam vividas como uma perigosa perda. O mundo imaginário seria imutável, auto-referente e controlado pelas necessidades onipotentes do vínculo. A negação no que o outro poderá me ofertar ou lesar, não será necessária, na medida em que este está no lugar do silêncio, das castrações, das necessidades, da falta como corpo e como eu. Desta forma, nada precisará ser negado, mas somente controlado.

Em relação aos aspectos alienantes da cultura de massa, podemos perceber a alimentação e consolidação de uma estrutura imaginária onipotente, que se caracterizaria, na ausência de uma negação à miséria volitiva e existencial, como se fosse alimentado um pacto com um mundo irreal, onde o sim seria o alimento fertilizador de um cálido silêncio. Ilustrando estes aspectos, metaforicamente teríamos: "Maria chegando em casa, depois de um doloroso dia de trabalho, se inquietando com sua vida, opções, salário e acomodação. Maria liga se aparelho de TV, e consome vorazmente o mundo que lhe é ofertado. Na novela famosa, os pobres são bons, sofredores, humildes, e os ricos angustiados e malvados. Maria tem pena dos personagens. Maria se sente até feliz por parecer com a moça sofredora de sua novela. Maria onipotentemente imagina-se como o centro das atenções de milhões de telespectadores. Maria é uma heroína, um exemplo nacional. Carrega em sua classe social a benção dos deuses e da rede de televisão. Por que dizer Não?"

Sobre esta vital negação que se manifesta na linguagem e por meio dela, fala-nos J.Hochmann (26): "... toda palavra es, en esencia, la negación agresiva de una fusión. Es indudable que se estuviésemos perfectamente fusionados unos con otros, si fuéramos sensibles a todos los movimientos íntimos del otro, no experimentaríamos necesidad alguna de comunicarnos. Hablamos porque somos diferentes, pero actualizamos esta diferencia por el hecho del habla..." E mais adiante assinala o autor (26): "...Cada vez que me comunico con

otro, y cualquiera sea el contenido de mi comunicación, comunico también mi autonomía, digo "no" con desamparo, o con gesto de reivindicación orgullosa ..., "no, no somos iguales", y en ese no, existo..."

Mas a linguagem também pode ser utilizada no sentido objetivo de uma simbiotização. Por exemplo: em certos tratamentos hospitalares psiquiátricos, sessões de psicanálise, publicidades, escolas, empresas, etc., a linguagem conduzida em termos de controle e manipulação, toma uma forma esvaziada de significações, através de estereótipos e apriorismos de sentidos, legando à comunicação, não uma tentativa de rompermos uma fusão, mas de compactuarmos com o já pronto e inquestionável. Uma das formas de nos defendermos de determinadas ansiedades frente ao outro, é utilizando uma linguagem estereotipada que nos afasta como Sujeitos, encobre uma tensão frente ao novo, reduzindo um alienante amparo, onde o desconhecido sempre será evitado. M. Merleau-Ponty (40) complementa esta reflexão: "...Vivemos num mundo onde a palavra é instituída. Para todas essas palavras banais, possuímos em nós mesmos significações já formadas. Elas só suscitam em nós pensamentos segundos; estes por sua vez se traduzem em outras palavras que não exigem de nós nenhum verdadeiro esforço de expressão e não pedirão a nossos ouvintes nenhum esforço de compreensão. Assim a linguagem e a compreensão da linguagem parecem seguir por conta própria..."

Voltando a importância da negação através da linguagem H. Wallon (50) também a considera como uma característica de uma etapa no desenvolvimento psicológico infantil, onde a negação lúdica não teria uma característica egocêntrica atribuída ao psiquismo ou às estruturas cognitivas, mas uma forma da criança conquistar a saída do sincretismo afetivo com o outro de suas relações. A negação seria um jogo estratégico, e não um efeito psíquico.

Considera o autor que "...com sua oposição se introduz a necessidade de partilha, frequentemente sob a forma de um protesto contra a mesma. A criança não procura mais somente o uso, mas a propriedade das coisas e frequentemente a propriedade para ela mesma... Trata-se de apropriar-se do

que é reconhecido como pertencendo ao outro. Pela violência, pela audácia, pela mentira, a criança se esforça para transformar Teu em Meu... Esta fase combativa onde o eu se conquista ao mesmo tempo que se opõe, tende para uma espécie de quietude, à medida que se afirmam e se estabelecem os limites de seu conteúdo tanto sobre o plano material das coisas exteriores, quanto, mais tardiamente, sobre a influência dos motivos da conduta, dos pensamentos e da reflexão..."

A dialética da fusão-defusão na construção do Sujeito, deve ser acrescentado um novo participante: o Outro ou Terceiro Social. Este elemento, definido e sustentado por J. Hochmann (26) em uma perspectiva lacaniana, designa uma cadeia ou estrutura de oposições distintas entre seres humanos. Utilizando o exemplo do autor, "...Que diálogo, por mais íntimo que seja, poderia escapar de la obligatoria estructuración e efectuada a modo de un encuentro con otro, bajo la mirada del Tercero Social? Los valores, reglas, normas que efectivizamos en tal encuentro, las palabras que utilizamos, los gestos codificados que intercambiamos, las instituciones sociales que sirven de marco a las relaciones interpersonales, manifiestan en todo momento la presencia de este Tercero..."

Clarificando a informação anterior seria importante refletirmos sobre uma situação específica. Em meu consultório frente ao paciente, de que modo poderei apreender minha identidade como psicólogo clínico? A um observador ingênuo, o que caracterizaria a identidade do profissional como a do clínico, seria o fato de estarmos inseridos em um enquadre profissional, ou o conteúdo de nossos discursos. Mas além desses aspectos, existe uma linguagem construída, que nos articula em n diferenças, linguagem esta, produzida no e pelo trabalho terapêutico. Além das interações afetivas, cognitivas e financeiras com o paciente, existe um terceiro ausente que nos configura, não como um fantasma, mas como um produto de nossas relações e produtor de nossos desejos. É através das características dessas relações, que poderei deduzir o real sentido de minha identidade, ou seja, pelo trabalho.

Este terceiro negado, configuraria a própria simbiose profissional. A minha identidade seria dada pelo clien-

te, assim como a do cliente através da minha. Talvez a simbiotização seja um dos motivos de determinados vínculos que alimentam e sustentam o afastamento afetivo de seus integrantes, negando defensivamente, a análise do produto relacional emergido do encontro. A instituição ou prática institucionalizada não será questionada como um Terceiro presente no diálogo. As dúvidas, medos e afastamentos produzidos na relação não serão relevantes, mas somente o estatuto de paciente, da "doença" dará ao técnico, sua identidade profissional. Quem sabe, também, o espírito humanístico, paciente e acolhedor do psicólogo bonzinho junto com o desespero do paciente formariam esta bem orientada identidade? O terapeuta necessitará da dor do paciente, assim como o cliente, de seus mágicos cuidados. Negarão suas identidades através da cotidianidade do trabalho clínico, e no lugar, se identificarão como uma onipotente e parcial Idéia.

Nesta negação do Outro ou do Terceiro Social, estaria consolidada uma das características do vínculo simbiótico, e talvez a mais importante, a negação de uma historicidade. Se não referencio o lugar onde falo e escuto o outro de minhas relações, o diálogo não poderá ser instaurado. Fora de um espaço não há diálogo e nem tempo. No vácuo não podemos gritar ou entender o sentido do que falamos ou escutamos. Não posso construir, mudar, romper, negar. Sem isso, não há história.

A esta negação do Outro, J.Hochmann (26) utilizando o referencial teórico de J.Lacan, denominou "preclusión". Definindo este conceito, o autor adverte que "...Creemos, también, que cuando un sistema interhumano intenta escapar de la situación tornaria - fuente de movimiento - y encontrar el reposo en la fusión, lo hace tratando de "precluir" al Tercero, de ubicarlo fuera del campo simbólico. Entonces, si el significante de las diferencias se encuentra encubierto, el yo y el Tú pueden fusionarse, abismarse uno en otro, o imaginarse este mutua absorción. Pero la preclusión del Tercero llega a privar de sentido a la realidad, a hacer "como si" no existieran las diferencias, a huir a lo imaginario. El Tercero "precluido" no se destruye. Persiste bajo la forma de una

institución muerta, de un residuo modesto que impulsa al conformismo social e impide todo cambio..."

A individuação como produto de negações de preclusões, da dialética das fusões e defusões, caracterizando uma construção histórica do Sujeito e uma condição para seu estabelecimento, não é compartilhada por alguns autores da literatura psicanalítica.

Margaret S. Mahler, F. Pine e A. Bergman (35) fazem parte deste grupo. Para estes autores, "...O processo de separação - individuação normal, seguindo-se a um período simbiótico de desenvolvimento normal, implica a aquisição pela criança de um funcionamento autônomo, na presença da mãe e com sua disponibilidade emocional (Mahler, 1963); a criança é continuamente confrontada com ameaças mínimas de perda de objeto (que cada passo do processo de maturação parece acarretar). Em contraste com situações de separação - a individuação normal tem lugar, com o estabelecimento de uma prontidão, em termos de desenvolvimento, para o funcionamento independente, e de prazer ligado a esse funcionamento..."

Definindo os conceitos de separação e individuação colocam as autoras: "...a separação consiste na saída da criança da fusão simbiótica com a mãe (Mahler, 1950), e a individuação consiste nas aquisições que marcam o momento em que a criança assume suas próprias características individuais..."

Estabelecendo uma postura crítica às colocações anteriores, percebemos que as autoras articulam a dinâmica simbiose-separação - individuação, como uma das características normais e naturais do desenvolvimento psicológico. M.S. Mahler e colaboradoras relevam os aspectos de maturação biológica e da "dinâmica intrapsíquica" ao processo de individuação. As funções autônomas do ego, terão uma função primordial em suas explicações. Desta forma, os elementos propulsores da individuação, seriam a dinâmica intrapsíquica e os fatores traumáticos do mundo exterior, como foi assinalado no parágrafo anterior.

Concluindo esta análise crítica, podemos deduzir das informações de M.S. Mahler e colaboradores, um posiciona-

mento mecanicista em termos metodológicos, onde a determinação do intrapsíquico como do exterior, organizariam o processo, negligenciando os aspectos operativos, comunicadores e defensivos da simbiose. As autoras, por outro lado, focalizam o processo de individuação como fazendo parte do desenvolvimento egóico. No lugar do Sujeito temos o ego. No lugar do Terceiro ou da Outro, temos os apriorismos de um biologismo maturacional e de um substancial psiquismo. No lugar da tensão, da angústia da separação, temos a desadaptação. A partir destes dados, podemos concluir que M.S.Mahler negligencia e se omite sobre os aspectos estruturais e dialéticos que formariam o estabelecimento da história psicológica.

Finalizando este capítulo, podemos resumir que o conceito de simbiose propicia à psicologia do desenvolvimento, um aprofundamento na detecção do momento da construção do Sujeito, onde se instalaria uma não-história, caracterizando desta forma, um sentido inquietante e dialético à sua explicação. O conceito também possibilita a negação de uma continuidade harmoniosa em termos de desenvolvimento, denunciando a luta e a conformidade do psiquismo humano em sua descontinuidade no estabelecimento da individualidade, que nada mais seria, do que uma trama social, ou seja, no sentido pleno da dramática humana.

CAPÍTULO II

A SIMBIOSE NO VÍNCULO INDIVÍDUO-INSTITUIÇÃO

2.1- Os possíveis níveis da análise para o estudo do vínculo indivíduo-instituição

No capítulo anterior foi ressaltado como uma das características do conceito de simbiose, o fato de em sua construção teórica, solucionar uma antiga e ainda atual dicotomia encontrada na psicologia, ou seja, a existência de um idealismo versus um materialismo mecanicista, gerando psicologismo ou sociologismo na constituição de suas proposições. Esta solução deve-se ao fato, do conceito ser definido como um vínculo. A simbiose sempre será referida a um depositante, a um depositário e um depositado, caracterizado desta forma, um não substancialismo em sua significação.

Este capítulo objetiva uma análise das modalidades simbióticas no vínculo indivíduo-instituição, e de que modo este vínculo caracterizaria a negação da historicidade humana. Tomando estes objetivos e analisando o que foi colocado no parágrafo anterior, precauções teóricas devem ser tomadas, para uma análise do vínculo citado. Estas preocupações se fundamentam na tentativa de ser evitado o estabelecimento de uma relação mecanicista ou idealista na análise do vínculo em questão, e delimitar os níveis de discurso do psíquico como do social, e bem como suas possíveis integrações.

Uma abordagem mecanicista poderia ser caracterizada, como se o patológico, ou seja, o vínculo simbiótico, fosse um produto da ação da instituição sobre seus participantes. A instituição estaria enferma, ameaçando destruir ou contagiar seus próprios integrantes. Nesta postura ideológica, a ação humana se constituiria como uma mera representação das organizações sociais. Entre o indivíduo e a instituição haveria uma unilateral relação de causa e efeito e um distanciamento irreversível entre os interlocutores na comunicação de seus desejos. A expressão humana seria desprovida de sua dimensão simbólica e dialética. O homem seria caracte

rizado como um produto do meio, da cultura. Citação simplória, onde o indivíduo é colocado em plena impotência e ingenuidade, e as organizações sociais esboçadas em uma total coisificação, como se não estivesse em sua estrutura a participação do humano.

O idealismo teria também a mesma conotação parcializante. A apresentação desta ideologia, caracteriza-se na negação do social, em favor de um psicologismo que reduz uma realidade material, objetiva e concreta, em um mundo relativo, no sentido pleno do pensamento cartesiano. A simbiose em uma instituição seria analisada, tendo como referência a dinâmica de um psiquismo universal, produto de uma natureza humana essencialista, sendo a instituição, uma continuidade e corporificação de uma solitária estrutura psicológica. O indivíduo veria no institucional, o aparelho de suas emoções e desejos, obstruindo o interlocutor de seu diálogo.

Sobre este solitário idealismo, assinala I.A. Caruso (11): "...Luego la reducción unilateral de lo social a lo psicológico es evidentemente bienvenida para el opresor. Y ciertamente que nuestras relaciones con el mundo son un producto de la "vida vivenciada" y la "vida vivenciada es, má allá de lo social, objeto de la psicología, pero está ante todo más allá de lo psicológico, condicionada socialmente..."

Estas duas ideologias, apesar de suas diferenças em termos de relevância de objeto, chegam a um mesmo fim. Em seus discursos parcializantes, o que possuem de concordância, seriam a negação do diálogo entre o indivíduo e instituição, e da multiplicidade de determinações que estruturam este vínculo, obstruindo a apreensão do estabelecimento do pacto e da cumplicidade inconsciente da enfermidade com o contexto em que esteja inserida.

J. Gervásio Paz e E. Galende (42) comentando sobre a concordância das duas posições em análise, afirmam que, "... Ambos planteos caen en el dualismo clásico del idealismo filosófico: uno concibe al hombre como un cuerpo biológico ideal, ahistórico; el otro piensa en un hombre abstracto en el que lo social, desde afuera, repercute..."

Como possível ilustração das argumentações anteriores, encontramos estas citações de E.Jacques (31) "... a minha própria e recente experiência impressionou-me ao constatar até que ponto as instituições são usadas pelos seus membros individuais para reforçar mecanismos individuais de defesa contra a ansiedade e, em particular, contra a recorrência das primitivas ansiedades paranóides e depressivas que foram descritas originalmente por Melanie Klein..."

Sem pretensões a uma análise mais detalhada sobre a citação anterior delimitaremos um aspecto pertinente à presente discussão, que seria a instituição como uma organização estática onde seriam depositadas as fantasias e afetos de seus integrantes. A instituição se caracterizaria como um lugar paralisado, onde a dinâmica do psiquismo retificaria e se defenderia de suas possíveis fantasias. As características particulares do institucional seriam negligenciadas, em favor da relevância do psíquico.

O que as informações de E.Jacques descrevem, é um vínculo específico do indivíduo com a instituição, e não, uma delimitação da importância e função do institucional na análise deste vínculo. Com estas observações, objetivamos um esclarecimento, para que não seja caracterizado um psicologismo das considerações do autor citado.

Deste modo, o vínculo simbiótico não se constitui como uma entidade em si, gerada pelo social ou pelo psíquico, mas uma estrutura vincular criada por uma relação específica indivíduo-instituição, relação esta constituída pela presença de um interjogo particular a seus interlocutores. Com esta abordagem, evitamos a presença de um determinismo parcializante, a favor de um enfoque estrutural totalizante.

Ao conceito estrutural aqui empregado, devemos acrescentar algumas observações, para que não se consolide uma mitificação teórica em relação a este conceito. Sobre algumas advertências ao conceito estrutura, fala-nos J.Hochmann (26) "...una estructura puramente sincrónica, que no da lugar a la duración, al cambio, a la diacronía, es una abstracción puesta al servicio de una alienación. La historia del hombre se detiene una vez más. Se dice: "Es mi estructura" ,

como antes se decía: "Es mi gran simpático", "Es así y nada hay que cambiar..."

A partir destas considerações, o vínculo simbiótico será configurado por uma estrutura (indivíduo-instituição) que possui uma temporalidade particular, uma estratégia própria em relação à mudança e uma tática singular com respeito à construção de uma história. Através destas características, esboçamos um aspecto não reificante na consolidação de um vínculo específico, e jogamos em cena os aspectos reversíveis e dinâmicos da estrutura.

Voltando aos objetivos deste item, seria importante precisarmos o conceito instituição. René Lourau (34) em seu livro "A Análise Institucional", apresenta e discute a complexidade deste conceito em sua caracterização, como também, da diversidade semântica na definição e objeto da instituição. Assinala René Lourau: "...Passando em revista os usos do conceito de instituição, Zanieck: fornece uma idéia da polissemia em que se afoga o conceito. Todas as ideologias, todos os sistemas de referência filosóficas e políticas misturam-se na história de suas variações. A sociedade, a cultura, o indivíduo, o instinto, o inconsciente, o grupo, a estrutura, a organização, o poder, etc., são postos em evidência cada qual por sua vez..."

A presença da citação anterior se baseia na tentativa de enfocarmos a complexidade e as múltiplas determinações sociais, econômicas, culturais e humanas que constituem e definem a instituição, e de uma certa forma, caracterizar uma delimitação e não uma parcialização na utilização do conceito em pauta. O ponto de referência a ser utilizado, se fundamenta em suas possíveis articulações com o psíquico, na medida em que objetivamos o estudo do vínculo simbiótico.

J. Bleger (5) enfocando os aspectos ressaltados anteriormente, afirma que, "...toda institución no es sólo un instrumento de organización, regulación y control social, sino que al mismo tiempo es un instrumento de regulación y de equilibrio de la personalidad, y de la misma manera en que la personalidad tiene organizadas dinámicamente sus defensas, parte de estas se hallan cristalizadas en las instituciones..."

Nestas considerações J. Bleger foge a um posicionamento parcial e determinista. O autor relewa e objetiva a possibilidade de na definição da instituição, aprendermos um jogo intersubjetivo sobre um respaldo material e objetivo, escapando de um sociologismo e de um psicologismo na caracterização do conceito em questão.

2.2- Personalidade e instituição

Antes de uma análise sobre as relações entre personalidade e instituição, é necessário caracterizarmos o conceito personalidade, objetivando estabelecer uma coerência metodológica e ideológica em relação aos conceitos utilizados neste capítulo.

Este conceito talvez seja o mais definido na literatura psicológica, mas na tentativa de unificarmos teoricamente os conceitos empregados, utilizamos a definição de J. Bleger (6). Para este autor, "...la personalidad es dinámica, es decir, cambiante, está sometida a fluctuaciones entre evolución y regresión y entre integración y dispersión. Los cambios o fluctuaciones son muy variables en sus características y en su grado, pero, en condiciones normales, se conservan permanentemente la continuidad y la identidad... La unidad tampoco se excluye con la multiplicidad, sino que más bien es su condición fundamental, en el sentido de que la unidad se integra con elementos heterogéneos o con una diversidad estructural..."

Basicamente, o autor relewa dois aspectos fundamentais sobre o conceito em foco, que seriam a dinâmica e a diversidade estrutural. A partir deste dados, cabe aqui um levantamento: qual seria a função da instituição em relação ao estabelecimento da dinâmica e da diversidade estrutural da personalidade? Será que as regressões ou progressões de um indivíduo devam-se unicamente à organização de seu mundo interno? Será que a negação de uma parcela de meu mundo interno, deve-se aos determinantes de meu passado ou de minhas repressões?

A estas perguntas J. Bleger responde direcionando

as relações personalidade-instituição, e não um psicologismo essencialista. Diz o autor (7), "...O que se tornou evidente para mim é que cada instituição é uma parte da personalidade do indivíduo. E, como tal, tem tamanha importância que a identidade é sempre - total ou parcialmente - grupal ou institucional, isto é: pelo menos uma parte da identidade é sempre configurada pela pertinência a um grupo, uma instituição, uma ideologia, um partido, etc. Fenichel escreveu: "Não há dúvida nenhuma de que as estruturas individuais criadas pelas instituições ajudam a conservar essas mesmas instituições". Mas, além dessa interação indivíduos-instituições, as instituições funcionam sempre (em graus variáveis) como limites do esquema corporal e núcleo da identidade..."

Nestas considerações o autor estabelece uma caracterização não solipsista da personalidade. Quando J. Bleger afirma que o institucional faz parte da identidade do indivíduo, não estaria recaído em um psicologismo, mas indicando que o dinamismo e a unidade da personalidade não seriam categorias "a priori" em sua explicação. A personalidade possui em sua estrutura, uma parte estável e não diferenciada, que através da participação do institucional, poderá estabelecer, dependendo das modalidades relacionais, diferentes graus de dinamismo ou de unidade. No capítulo anterior, colocamos que a descoberta do eu é paralela à do não eu. É a este não-eu que chamamos de parte não diferenciada da personalidade. Sobre estes aspectos, afirma J. Bleger (7) "...As relações estáveis ou imobilizadas (as não-ausências) são as que organizam e mantêm o não-ego e formam a base para estruturar o ego em função das experiências frustrantes e gratificadoras..."

Complementando as considerações anteriores, a análise de uma situação fictícia sobre problemas ligados a identidade profissional, nos servirá de exemplo: Um indivíduo trabalhando em uma instituição específica, ocorrendo dificuldades em estabelecer sua identidade profissional, quais seriam os parâmetros para uma possível reflexão sobre este problema? Seu salário mensal está longe de ser uma única fonte de reflexão, já que o identifica como um empregado e não como um profissional, mas ao mesmo tempo caracteriza o lado silen

cioso e estático que nega as mudanças e reivindicações de sua vida profissional. Frente a ele está uma instituição com sua organização particular, normas e desejos. O que propomos como saída a esses possíveis conflitos, seria o questionamento e a tentativa de diferenciação entre seus objetivos manifestos e latentes sobre seu trabalho, e também dos da instituição. Sua identidade terá meios de ser construída, através do reconhecimento daquilo em que este indivíduo age e pensa, frente aos desejos e impedimentos de seu local de trabalho. O que este indivíduo sabota em termos de vitalização de sua sobrevivência como Sujeito, ou seja, seu silêncio e sua imutabilidade deve ser apreendido, como uma linguagem depositada na instituição e alimentada por esta, dissociando de sua personalidade, uma acomodação e resistência à mudança. Do seu eu profissional deve ser integrado o seu não-eu, isto é, tanto seu lado alienado que compactua silenciosamente com seus padrões, como sua outra parte, que tenta diálogo e se inquieta com suas condições de vida. A partir destas integrações e diferenciações, o indivíduo terá condições de se defrontar com seu produto de trabalho e se reconhecer nele. Terá instrumentos para perceber que existe uma diferença entre seus desejos e os da instituição, e por meio destas diferenças estabelecer sua identidade.

J. Hochmann (26), analisando o processo da construção da identidade na instituição família, afirma: "...El niño no se constituye según modelo de su madre ni de su padre (o, si esto ocurre, se tenta de una construcción en espejo, peligrosa e ilusoria), sino de acuerdo con el modelo de la relación que une a los miembros de su familia para separar - los en sus diferencias inconciliables..."

Estas afirmações do autor, relevam o aspecto normal e ideal da instituição em sua participação no processo da construção da identidade, ou seja, criando em sua estrutura possibilidades para que o indivíduo discrimine uma rede de relações e diferenças, entre ele e a instituição. O indivíduo terá na instituição um instrumento de limitação e diferenciação de seus desejos, e não o depósito de seu desconhecido, onde ficaria instalada uma defensiva dissociação, que

destituiria da personalidade sua unidade e diversidade estrutural.

Uma advertência deve ser colocada, para que não se incorra em um prejudicial psicologismo. Quando nos referimos a uma parte estável e silenciosa da personalidade, a partir do referencial teórico de J.Bleger, não estamos negligenciando essas características, como produto de uma determinação sócio-cultural, mas ressaltando uma instância do psiquismo que compactua com o mutismo e com o imutável gerado pelas fontes de poder, instância esta que caracteriza o temor ao desconhecido e a mudança.

J.Bleger (5), acrescenta e sintetiza as informações até o momento refletidas, assinalando que, "...Desde el punto de vista psicológico, la institución forma parte de su personalidad y la medida en que ello ocurre, tanto como la forma en que ello se da, configuran distintos significados y valores de la institución para los distintos individuos e grupos que a ella pertencem. Cuanto más integrada la personalidad, menos depende del soporte que le presta una institución dada; cuanto más imadura, más dependiente es la relación con la institución y tanto más difícil todo cambio de la misma o toda separación de ella..."

Temos então nestas considerações de J.Bleger, características sobre a dinâmica da personalidade, através dos vínculos específicos desta com a instituição, e também, a apresentação implícita do vínculo simbiótico, quando o autor afirma que na dependência da relação, a separação e a mudança não poderão ser instaladas.

Antes de prosseguirmos na análise do vínculo simbiótico instalado entre o indivíduo e a instituição, seria necessário aprofundarmos o aspecto da personalidade não diferenciado que J.Bleger e outros autores denominam de parte psicótica da personalidade.

Bion, citado por L.Grinberg e outros (24), estabelece as seguintes características para esta parte psicótica da personalidade:

1 - Este conceito evidencia um funcionamento men-

tal que se expressa na conduta, na linguagem e na contra - transferência de um observador específico, e não a um diag - nóstico psiquiátrico;

2 - Esta parte psicótica coexiste com outro esta - do mental; que podemos denominar de parte não psicótica, com diferentes graus de estruturação e estabilidade;

3 - Possui como uma de suas características, a in - tolerância à frustração e a ativação dos impulsos destruti - vos que se expressam com ódio à realidade interna, externa e aos possíveis vínculos que objetivam contato com estas reali - dades.

4 - A utilização da identificação projetiva pato - lógica: "...Nesse caso, a dissociação das partes egóicas dá lugar a uma multiplicidade de fragmentos minúsculos que se projetam violentamente no objeto. Esses pedaços, ao serem expulsos pela identificação projetiva patológica, criam uma realidade de objetos bizarros, realidade que se torna cada vez mais dolorosa e persecutória. A consequência é uma inten - sificação da atuação da identificação projetiva, que agora se realiza sobre o aparelho perceptivo e judicativo, através da divisão (splitting) patológica, determinando um afastamen - to cada vez maior da realidade..."

5 - "...A personalidade desenvolverá a onipotên - cia e a onisciência como substitutos do processo da aprendi - zagem e não existirá uma função ou uma atividade psíquica que possa, discriminar entre o verdadeiro e o falso; tão pouco um tipo de pensamento capaz de autênticas simbolizações..."

6 - "...Não podem utilizar a modalidade normal do funcionamento da identificação projetiva, tão necessária pa - ra a aprendizagem; ao projetar se confundem e perdem a noção de diferenciação entre o eu (self) e os objetos..."

7 - "...Não podem formar símbolos; não podem sin - tetizar objetos nem combinar palavras; podem somente justa - pô-las ou aglomerá-las. O ataque contra a linguagem se mani - festa - às vezes - como um despojar as palavras de seu signi - ficado. ...Em síntese, trata-se tanto da destruição da lin - guagem formada como de sua matriz..."

8 - Esta parte psicótica utilizará a ação em ocasiões onde deveria ser utilizado o pensamento e utilizar o pensamento onipotente frente a situações onde deveria ser expressada a ação.

Estas seriam as principais características da parte psicótica da personalidade, segundo Bion. O autor desenvolve outros pormenores sobre este tema, mas relacionamos somente os aspectos que nos fundamentam o estabelecimento do vínculo simbiótico, isto é, esta instância da personalidade humana é que propiciaria a manutenção da simbiose ao nível do indivíduo com seu corpo ou com o outro de suas relações, como parcialmente, entre o indivíduo e a instituição. Parcialmente, devido a que instituição sendo construída e mantida por homens, terá em sua organização este lado psicótico, que junto aos aspectos relacionados às suas ideologias peculiares, darão a esta, sua característica autônoma como um dos integrantes na formação de um enfermo vínculo simbiótico.

J.Bleger (7) partindo dos estudos de Bion sobre a parte psicótica da personalidade, aprofunda e singulariza este conceito, afirmando que, "...conforme idéias desenvolvidas em trabalho anterior, vejo este vínculo aglutinado, que constitui no adulto a parte psicótica da personalidade, como o remanescente da mais primitiva organização da personalidade, geneticamente anterior à posição esquizoparanóide... a posição que denominei gliscro-cárica (glischro: viscoso, aglutinado; Karion: núcleo)..."

Para uma melhor compreensão das informações anteriores, selecionamos algumas teses de J.Bleger (7) que as complementam:

1 - "...O núcleo aglutinado (a parte psicótica da personalidade) é formado pelas identificações mais primitivas, nas quais ainda não se estabeleceu a discriminação entre eu e não-eu..."

2 - "O núcleo se caracteriza não pela confusão, mas pela fusão de seus elementos constitutivos. A confusão parece quando o núcleo aglutinado invade o ego mais integrado..."

3 - "...A divisão esquizóide discrimina os componentes do núcleo aglutinado e permite a passagem da posição gliscrocária à posição esquizoparanóide. A divisão esquizóide transforma a confusão em contradição e a ambiguidade em conflito..."

4 - "...na parte psicótica predomina a projeção. Na simbiose se produz uma fusão entre o projetado e o depositário com identificação projetiva maciça..."

5 - "...Retiradas introjeções-projeções, reintrojeções produzem certa fragmentação do núcleo aglutinado, como etapa necessária para a discriminação..."

Refletindo sobre estas considerações, alguns pontos devem ser colocados. O surgimento da psicanálise através de S. Freud, abalou e inquietou o corpo científico, a moral, e uma determinada representação filosófica do homem dos finais do século XIX. A partir da descoberta do inconsciente, o homem passou a ser configurado, não mais como uma imagem e semelhança de um ente superior. Ele teria desejos e afetos reprimidos em seu mundo interno, antagônicos a sua cultura. Teria o ódio, a mentira, e outros sentimentos que o destituíram de uma pálida imagem angelical. S. Freud inaugurou uma época, onde o narcisismo humano foi ferido, através de uma nova concepção de personalidade. Esta não seria mais uma derivação da universal e essencial consciência humana. O advento do inconsciente e da repressão a ampliou e a desmitificou.

Estas observações objetivam uma introdução para a discussão da importância ideológica e teórica do conceito de parte psicótica da personalidade. Analisando os procedimentos terapêuticos em relação à psicose, percebemos algumas atitudes que tinham, e ainda têm, como objetivo, a segregação e o controle desta enfermidade. Vários motivos existem para analisarmos estas atitudes, mas o que nos interessa, seria em que esta segregação contribui para o estabelecimento da identidade do profissional que compactua com este posicionamento. Possivelmente, a identidade do técnico se constitui como uma entidade à parte, isolada, não tendo nada a ver com

seu objeto de trabalho, ou seja, a loucura. Entre as comunicações psicóticas de seus pacientes e sua "lucidez", existe uma natural barreira de contato. O que podemos enfocar, é que não é somente o louco, o sufocado por uma camisa de força, ou sedado constantemente. O que escapa à identidade pré-estabelecida do técnico, é também sedado e sufocado por seus controles onipotentes. O se sentir ameaçado, impotente, irritado, seria remetido a um aprisionamento. Dentro desta repressiva condição, o profissional de saúde mental não se permitiria analisar e integrar a sua estrutura de personalidade, uma instância psicótica, que em possíveis situações, pode compactuar com a doença de seu cliente, temer os contatos afetivos, ou seja, ser humano. Em nome de um covarde humanismo, os instrumentos terapêuticos empregados alimentam uma não reflexão do que compactuamos com a psicose de nossos pacientes, como da enfermidade das instituições assistenciais, como se não existisse também no cotidiano de um clínico, o temor ao desconhecido, a avidez pelas imobilizações do novo, e um desejo de descansar - nos em uma inércia social.

Um acontecimento ocorrido no Hospital Geral^(*), poderá exemplificar estes aspectos. A equipe integrada T.O. e Psicologia, devido a sérios problemas que estavam ocorrendo entre a equipe e outros setores do hospital, resolveu convocar os administradores e os técnicos representantes de todos os setores da instituição, para uma reunião onde seriam debatidas e informadas, nossas dificuldades em uma integração da equipe com os outros setores. Para esta reunião, resolvemos que ela se faria em um local onde pudessemos ficar mais próximos fisicamente, frente a frente em círculo, evitando um caráter pedagógico, formal, de assembléia à reunião.

O fato ocorrido, foi que os representantes da administração não aceitaram o local, alegando que o hospital dispõe de um auditório para estes objetivos, e que o local pretendido pela equipe, "era uma mania de fazer grupo de psicólogos".

(*) Este nome será utilizado no transcorrer da monografia, por motivos éticos.

O que podem lançar como hipótese sobre este acontecimento, é que a negação do espaço preferido pela equipe, ameaçou estes técnicos não só pela informalidade do local. Estar com os outros membros em uma situação de grupo não burocratizado, indicaria a quebra de seus estereótipos. Seria o confronto com outros ~~sentimentos~~ que seus estereótipos não alcançam. Poderiam surgir situações, onde o desconhecido de suas identidades como diretores fosse chamada à cena. Deste modo, os espaços devem ter uma função própria e discriminativa, "sala de estar é sala de estar, auditório é auditório". Talvez a presença de um grupo, estereotipado como um grupo de análise, estruturasse uma invasão nos seus espaços internos, onde possivelmente estivessem segregados e impedidos, os medos e angústias, que em seus papéis cristalizados como técnicos, desconhecem.

Devido a estas exclusões e dissociações, é que a moral sócio-científica, preconiza tantas vezes a segregação. O não lúcido, o psicótico, não pode fazer parte desta estrutura, ameaçando cambios. Achamos também, que a negação desta instância psíquica estaria a serviço da situação descrita por J. Hochmann (26): "...Por lo tanto, la locura y la institución, intercambian algo, pero a través de un espejo imaginario. Es cindidos cada uno en su soledad, el loco y el que lo cura se miran como si fueran anverso y reverso negro y blanco..."

Aceitar ao nível do diagnóstico e tratamento esta parte psicótica, seria também acreditar que por mais delirante que se caracterize a comunicação de um psicótico, existe uma parte sadia que tenta preservar um contato com a vida. Seria acreditar que a cronicidade rotulada por nossos hospitais aos pacientes dos pavilhões psiquiátricos, seja o resultado da descrença ou ignorância das proposições em análise. Em síntese, a colocação de que o psicótico mais regressivo possui um lado sadio, relacional, não configuraria uma filantropia ou uma postura humanística, mas uma forma de caracterizarmos a personalidade em sua diversidade estrutural.

Finalizando este item, as características anteriormente expostas de parte psicótica da personalidade, e de sua inserção como uma posição inicial do desenvolvimento psico

lógico, objetiva uma ampliação do conceito de personalidade, onde a dinâmica de seu lado psicótico e não psicótico em suas dissociações e integrações, teria na instituição não um espelho coadjuvante, mas um instrumento que através de seus intercâmbios ou paralizações de interações, configuraria um sentido específico ao conceito personalidade.

Uma afirmação sobre o sentido do termo personalidade de J. Bleger (9), sintetiza nossas proposições: "... El ser humano antes que ser persona es siempre un grupo, pero no en el sentido de que pertenece a un grupo, sino en el de que su personalidad es el grupo..."

2.3- A simbiose como enfermidade do vínculo indivíduo-instituição

Antes de uma reflexão sobre a enfermidade do vínculo, deve-se definir o sentido da palavra enfermidade.

Esta breve consideração de J. Rafael Paz (43), elucidada em linhas gerais nossa posição, "...no es posible concebir que alguien viva en la no experiencia; lo que ocurre es que has las mismas se incluyen dentro de la esterotipia que lo rige, a través de una codificación restringida y cerrada..."

Definindo o sentido da não enfermidade, afirma E. Pichon-Rivière (45): "...El sujeto es sano en la medida en que mantiene un interjuego dialéctico en el medio y no una relación pasiva, rígida y estereotipada. La salud mental consiste, como lo hemos dicho, en un aprendizaje de la realidad a través del enfrentamiento, manejo y solución integradora de los conflictos. Podemos decir también que consiste en una relación, o mejor dicho en una aptitud sintetizadora y totalizante, en la resolución de las antinomias que surgen en su relación con la realidad..."

Pelo que foi examinado no capítulo anterior, a simbiose através da existência da preclusão, omite um intercâmbio entre os participantes do vínculo, impedindo desta forma uma atitude sintetizadora e totalizadora. Caracteriza -

se também pela manutenção de dicotomias que objetivam a cristalização dos depositários no estabelecimento da imobilização do vínculo e das dissociações intra e interpessoais.

Com estas informações inserimos o conceito em questão como uma linguagem enferma, ou seja, o vínculo simbiótico apesar de não propiciar uma comunicação em sentido pleno, devido a sua mudez, se institui como uma linguagem, na medida em que existe um apelo inconsciente e uma estratégia defensiva na origem de sua formação, isto é, o temor a contradição, a angústia do se sentir só e o pavor da mudança.

Para uma maior precisão do sentido defensivo do vínculo simbiótico, apresentamos a seguinte consideração de J. Rafael Paz (43): "...Los denominados mecanismos defensivos aparecen como modo de tentativas de mantenimiento de ciertas relaciones estructurales que eviten la desorganización y la caída en situaciones de masividad emocional inmanejable. En ese sentido buscan un equilibrio (han sentido llamados mecanismos adaptativos), concebido como dinámico en la normalidad y patológico en las distintas formas de escisión e inmovilización..."

Um pormenor deve ser ressaltado para uma diferenciação deste vínculo enquanto normalidade ou enfermidade. A normalidade do vínculo simbiótico estaria em sua configuração como uma saída relacional vivida por seus integrantes frente a um momento de crise, carência e angústias ocorridas no processo de desenvolvimento psicológico, ou no início de qualquer relação. O início de um tratamento psicoterápico, por exemplo, pode ser considerado como um vínculo fusionado, tendo os objetivos do tratamento trabalhar a instalação do diálogo e das diferenciações entre os interlocutores. O sentimento de perda, de separação, só pode ser vivido se antes ocorrer uma simbiotização. O Édipo lecaniano é um forte exemplo para esta informação. Concluindo, a simbiose terá o sentido de normalidade, na medida em que fizer parte do processo dialético da construção da história psicológica, ou seja, a fusão, a entrada do Terceiro, a defusão, e assim sucessivamente. A última fusão seria a Morte biológica.

Enquanto enfermidade ela obstruiria o processo mencionado anteriormente. Não se caracterizaria como uma estratégia frente ao novo, às mudanças e separações, mas uma forma de evitá-las. Estaria configurada nas características gerais da enfermidade, ou seja, uma paralização dos múltiplos recursos comunicacionais com o real, e desta forma, uma paralização de sua leitura diversa e complexa. Nada seria acrescentado, e principalmente retificado. Seria a preponderância da parte psicótica, impedindo o caráter estrutural da personalidade, derivando uma clivagem intra e interpessoal. Em síntese, seria a ausência do conflito e a presença de uma mudez corporal, afetiva e social, em decorrência do vínculo não permitir a vivência da falta, da crise e das diferenciações entre o gratificar e o frustrar, e talvez o mais importante, entre a vida e morte.

Na definição anterior sobre mecanismos de defesa, foi ressaltado que sua finalidade seria a busca de um equilíbrio. Nesta equilibração, dependendo dos motivos inconscientes, estariam as dissociações e imobilizações, sendo os motivos e os graus de dissociações e imobilizações do Sujeito como do Objeto, o que nos configuraria as características patológicas ou não dos mecanismos defensivos.

J. Bleger (6) prefere a utilização do conceito condutas defensivas ao de mecanismos, alegando que, "...de nenhuma maneira se debe suponer que estos supuestos mecanismos originan la conducta respectiva, sino que, a la inversa, lo concreto son las conductas, y los mecanismos derivan de un proceso de generalización y abstracción de las primeras, pero de ninguna manera tienen que ser convertidos en enteleguias..."

O autor com sua crítica complementa a afirmação, em virtude de não aceitar na definição de defesa, um sentido

estático e não situacional, mas como estrutura e ao mesmo tempo estruturante de outros comportamentos.

Com estas observações entramos no âmbito da análise das condutas defensivas institucionais, e o lugar do vínculo simbiótico nestas condutas.

Quando falamos em condutas defensivas institucionais, antes de mais nada, temos que precisar do que a instituição se defende, e a que tipo de instituição nos referimos. A instituição referida será assistencial, e o motivo da defesa, o diálogo, o intercâmbio e a mudança.

Para que não aconteça uma certa confusão em termos de objeto de análise, quando nos referimos a mecanismos ou condutas defensivas institucionais e explicitamos seus motivos, não se quer dizer, que seus integrantes tenham as mesmas ansiedades, aspirações e conflitos que os da instituição. A instituição tem seus objetivos manifestos e latentes, como também, os conflitos gerados por sua própria estrutura. Os membros desta instituição tem também seus objetivos e conflitos particulares. Mas o que queremos analisar, é a cumplicidade enferma, onde os aspectos apontados não seriam discriminados, propiciando um pacto único no estabelecimento de condutas defensivas.

Voltemos aos mecanismos de defesa. Se a instituição se defende, não é somente em razão de um controle de seus objetivos implícitos, ou por sua fragilidade. Quando assinalamos o sentido da conduta defensiva, apontamos o aspecto estruturado e estruturante, sendo este, a criação de um intercâmbio entre membros e grupos ao nível do imaginário. Este mundo imaginário teria características semelhantes ao conceito sarreano de serialidade. D. Rosenfeld (47) o define da seguinte forma: "...La serialidad es el tipo de relación humana en el cual cada miembro aparece como sustituible por otro, o sea, como indiferenciado (un número cardinal intercambiable). Este tipo de relación tiene las características de "lo idéntico", en el sentido de que cualquier es visto como equivalente a otro. Esto significa conceder al individuo un carácter de cosa, y expresa la alienación del hombre en la serialidad..."

Através desta burocracia humana, a instituição terá meios de acionar a utilização de seu sistema defensivo, com o objetivo de manter imobilizados e controlados, os conflitos e crises de sua própria estrutura. Se a instituição mobiliza e se constitui em sua ação fora do simbólico e do real, suas defesas serão cada vez menos discriminadas, em virtude do contexto imaginário ser um excelente palco para a farsa. Fala-nos J.Hochmann (26): "...La institución multiplica mecanismos para mantener una extraordinaria relación especular entre las marionetas que curan y las que son curadas..."

J.Hochmann (26) apresenta dois grandes mecanismos de defesa da instituição: a lei da homeostasia e a lei da homologia. Caracterizaremos estes mecanismos através de situações ocorridas no Hospital Geral e posteriormente a fundamentação teórica das observações destes fatos.

Tomaremos primeiramente a homeostasia. Como um dos objetivos do setor de psicologia do Hospital Geral, foi a implantação junto à Terapia Ocupacional de um trabalho de coordenação de grupos com atividades de teatro, expressão corporal, desenho, pintura, modelagem, artesanato e jornal, iniciamos esta tarefa com o pavilhão feminino, devido a este ser geográfica e administrativamente, o mais segregado do hospital. Localiza-se nos fundos da área hospitalar, separado por dois portões que impedem qualquer contato, mesmo visual com as outras partes. A área masculina possui um espaço bem mais amplo, com piscina, um lago, árvores e um maior contato com os outros técnicos da instituição. Um outro motivo seria a necessidade de limitarmos a amostragem para o trabalho, devido ao pouco número de técnicos especializados no hospital: inicialmente contávamos com dois psicólogos, três estagiários de psicologia, um assistente social, um terapeuta ocupacional e quatro monitores de T.O. para seiscentos pacientes. Percebíamos que devíamos começar experimentalmente com grupos menores, mais carentes, e junto a estes motivos estavam ainda os não objetivos, ou seja, nossa identificação com o setor mais marginalizado da instituição.

O trabalho com o setor feminino durou aproximadamente seis meses. Com o nosso amadurecimento nas atividades,

e na instituição em geral, percebíamos que estávamos parciaisando nossos objetivos terapêuticos, na medida em que retardávamos a introdução dos homens aos grupos. Várias racionalizações ocorreram, até que resolvemos mudar a organização anterior e introduzir os grupos mistos. Algumas pacientes ansiavam pela chegada dos homens e outras repudiavam os novos integrantes. O grupo configurava uma divisão que também se enconstrava inconscientemente nos coordenadores. Esquizoidemente defendia-nos do estabelecimento do novo, do contraste, das contradições e da diferença. A instituição por sua vez, aceitava a possibilidade de novos grupos, mas ao mesmo tempo enchiava-nos de reservas e cuidados. Emitia uma dupla mensagem: "aceitem os homens nos grupos, mas não os tratem como homens; não estabeleçam uma diferença nos grupos, é perigoso. Os loucos não poder ter genitais, tem que ser tratados como perversos, castrados, senão fica muito arriscado, mas os aceitem..."

Na chegada dos novos elementos, a mobilização foi geral, psicólogos, estagiários, pacientes, administradores, médicos, e todo hospital foi mexido. Um exemplo deste fato poderá ilustrar melhor esta mobilização. Em um dos exercícios do grupo de teatro, foi pedido aos pacientes que deitassem no chão em esteiras para um relaxamento. O administrador do hospital vendo o coordenador arrumando as esteiras no chão, perguntou sorratamente para que serviam, e o que seria realizado. Observadores incógnitos foram colocados para observarem os trabalhos grupais mistos. Contratransferencialmente, sentíamos raiva, uma grande vontade de atacar os técnicos informantes, ou seja, atuávamos o ataque e o contra-ataque da instituição aos seus perseguidores. O grupo feminino inicialmente regrediu no sentido das mulheres entrarem em uma forma de comunicação delirante, onde percebíamos a negação de um intercâmbio com os novos participantes, e também a negação da feminilidade em virtude do perigo e do conflito da diferença corporal. Chupavam os dedos, riam como meninas, brigavam umas com as outras, choravam como crianças, olhavam maliciosamente para os homens, como se estivessem no passado frente aos namoradinhos. Aparentemente comunicavam u

ma forma de aliviar a ansiedade, mas a nós diziam, que um corpo de mulher é perigoso, porque mobiliza uma troca, uma diferença com o outro. A regressão lhes servia como negação do aqui e agora angustiante. Os homens, apesar de suas condições psíquicas e sociais mais favorecidas, mostravam uma estrutura defensiva bem solidificada. Argumentavam que seria impossível trabalhar com "genete muito doente". O grupo estruturava não uma diferença entre homens e mulheres, mas entre loucos e não loucos. Aos coordenadores, pela transferência psíquica do grupo, era pedido insistentemente o auxílio de proteção e socorro entre os dois grupos, como o mediador curador do contágio, de uma sinistra interação. Nosso relacionamento com os grupos tornava-se cada vez mais distante. Sentíamos como se estivéssemos configurados em três classes, cada qual impedida de se comunicar. As projeções maciças imobilizavam os intercâmbios entre e intragrupalis. A paralização equilibrava as fantasias de uma possível destruição pela troca. Apesar dos integrantes masculinos e femininos estarem em um mesmo local, escolhido pelo setor em uma área fora dos dois setores, na entrada do hospital, continuava a separação construída pela instituição em termos arquitetônicos. Assim estaria estabelecida uma defensiva homeostasia.

Uma justificação deve ser colocada para fundamentarmos os parâmetros teóricos de nossas observações. Jean Olivier-Majastre (37) considera que, "...La planta del hospital también nos remite, a través de la organización espacial de los distintos servicios, a la concepción que quienes lo construyeron... o incluso a la sociedad de una época dada... tienen sobre la vida colectiva de los enfermos mentales y sobre el funcionamiento de la institución... En un nivel más profundo en la planta física se expresa y se inscribe una distribución simbólica del espacio: el adelante y el detrás el afuera y el adentro, lo que se muestra y lo que se oculta... tendremos que (localizar con mayor precisión) los lugares claves que rigen por su situación estratégica, un grupo de relaciones y de intercambios y que adquieren un valor en el lenguaje del hospital..."

As colocações de J. Majastre são de extrema im...

portância, devido ao autor remeter para exame, um elemento negligenciado na literatura sobre instituição, que seria o espaço. A planta do Hospital Geral transmite aparentemente ao observador, os aspectos repressivos de suas enfermarias, através dos cubículos, que são saletas mínimas como as solitárias de presídio, onde os pacientes que transgridem as normas passam alguns dias, e os recantos de lazer, com sua piscina de águas azuis, a relva gostosa, e a paisagem bucólica circundante. Entretanto a cadeia de Hollywood não dizem tudo. Os portões e muros não só encerram, como se diz comumente nas obras críticas sobre psiquiatria, mas comunicam também um conjunto de relações interpessoais e intrapessoais, e principalmente os motivos que as configuram. Nestas descrições espaciais não vislumbradas apenas a opressão, mas a caracterização de uma cultura institucional.

Jacques Hochmann (26) caracteriza o mecanismo de defesa institucional da homeostasia da seguinte forma: "... En la institución nada debe cambiar. Todo cambio, por mínimo que sea, se vive como un peligro, pues podría volver a cuestionar un equilibrio siempre amenazado. Si la institución llegara a cambiar, locos y asistentes podrían cambiar a su vez entre sí, es decir, intercambiar. Se correría el riesgo de que el espejo se hiciera añicos bajo la presión de lo imprevisible..."

No Hospital Geral, os técnicos da vigilância dos pacientes, alegavam seus cuidados em nome da preservação de uma moral. Diziam que era arriscado um contato homem e mulher, "porque a maioria delas eram casadas e podiam fazer alguma bobagem". Percebemos nitidamente que o problema não se restringia à moral. Estes técnicos falavam pela instituição, eram seus porta-vozes, como também depositavam no institucional aspectos incongruentes de moralismos inclutáveis. En quanto isto, as relações masturbatórias e homossexuais eram permitidas, implicitamente, nos cantos das enfermarias. Aqui não se está considerando o homossexualismo como contato físico de sexos idênticos, mas ao nível de relações objetais, en quanto procura a manutenção do mesmo, de um vínculo desafetado e solitário. As relações com os técnicos e com a instituição também teriam esta mesma expressão homossexual, em

virtude de configurarem uma serialidade, e a ausência de uma troca pela diferença "...En el baile grotesco, diz J.Hochmann (26), y fantástico, especie de nueva danza, macabra, los locos se aparean y se separan, como si estuvieran sometidos a un absurdo movimiento browniano. O bien se resume todo en la homossexualidad, que se suporta mejor que la heterosexualidad, pues se desarrolla en el universo de lo Mismo, carga de intercambio y diálogo que lleva en sí su propia negación..."

Finalizando a análise dos aspectos que caracterizam a defesa pela homeostasia, ou a defesa da não ruptura das relações institucionalizadas, um acontecimento no grupo do jornal do Hospital Geral, poderá clarificar e concluir estas reflexões.

Para mobilizar e conscientizar a importância do intercâmbio entre os pacientes do pavilhão feminino com o masculino, foi lançado no grupo a idéia de no hospital ser construída uma caixa-correio através da qual os pacientes trocariam correspondência. A instituição por diversos motivos sabotou a construção da caixa, alegando iniciar com esta inovação, possíveis incentivos e promiscuidades entre os pacientes. Estes irritados pelo impedimento, começaram a escrever bilhetes e os enrolarem em pedras atirando-os sobre o muro de um pavilhão ao outro. Devido à carência de comunicação entre os pacientes, o que ocorreu foi uma chuva de pedras no hospital. Com a negação da caixa, a instituição cristalizava sua diretriz: através da troca, podemos perceber o que precisamos, seria a deparação com uma falta, e isto pode levar a uma indesejável atitude de mudança.

Em relação à lei da homologia, apresentamos algumas situações que a caracterizam. No grupo de teatro anteriormente citado, tínhamos como um dos objetivos terapêuticos, mobilizar os diversos níveis de comunicação dos pacientes, e deste modo, possibilitar o rompimento de suas estereotípias defensivas, através de exercícios de dramatização. Quando propunhamos tarefas de exploração corporal, espacial e das outras pessoas, o grupo apresentava uma série de resis-

tências. O grupo alegava que não podia participar de uma forma mais intensa, porque era composto de doentes, e assim sendo não podiam oferecer nada, nem aos colegas e nem a eles próprios. Dizia uma paciente: "Você não espera nada da gente porque aqui todo mundo é doido". As implicações transferenciais que podem ser deduzidas destas resistências são várias, mas o que nos interessa registrar, é o fato do grupo compactuar em uma unidade, evitando uma diversidade em suas relações interpessoais, como intrapessoais. Nas avaliações do trabalho grupal, a dificuldade de um paciente criticar o colega era muito grande. A fantasia que sentíamos, era de que não precisavam aceitar ou negar o discurso do outro, porque teriam a mesma identidade, ou seja, todos loucos, portanto iguais. Um fato também marcante que ratifica estes aspectos, é o significado do vestuário para os internos. M. recebia da família nas visitas, vários utensílios para seu vestuário, entre outros presentes, mas logo em seguida, trocava-os por cigarro com as outras colegas. J. não usava as roupas que trouxe para o hospital. Ambos preferiam o uniforme cinza fornecido pela instituição. Em uma determinada ocasião, foi questionado no grupo o sentido destas atitudes. M. alegou que a roupa não tinha nenhuma importância, "só o espírito e a inteligência é que prestam". J. afirmou, "que com minhas roupas diferentes, poderia parecer aos outros que eu queria ser melhor que eles".

O que estes pacientes comunicavam pelo grupo, seria a necessidade defensiva do estabelecimento de uma fraternidade e igualdade mórbida, onde a diversidade ameaçaria a anesteiante unidade. O grupo ficaria então configurado da seguinte forma, de um lado a "sanidade" dos "coordenadores" e do outro "a loucura dos internos". A tensão interpessoal não existiria, pois haveria duas realidades que se complementariam criando uma terceira unidade. Deste modo, o outro não nos solicitaria e nem perderíamos nada, não precisaríamos ganhar nada, porque somos todos iguais perante o medo.

Outro aspecto observado na instituição em referência, seria a criação de uma homologia defensiva, através

da burocratização do diagnóstico psiquiátrico e psicológico. Entendemos por burocratização diagnóstica, uma investigação da personalidade do paciente, onde não se levará em conta a função do enquadre na produção do processo de conhecimento da relação terapêutica, e também da dinâmica da personalidade em termos das associações e integrações de seu lado enfermo e sadio, ou seja, de suas totalizações ou parcializações. Não haveria uma delimitação de um não processo (enquadre) para a apreensão do situacional (processo). Haveria uma normatização de procedimentos e de instrumentos, como anamneses, testes, posturas do técnico, etc. O que pode ser produzido por estes procedimentos, seria a não comunicabilidade relacional, e o estabelecimento de uma uniformização nosológica. O técnico não teria condições de investigar quais as possíveis interferências do enquadre na comunicação do paciente, porque este enquadre construído através dos objetivos do diagnóstico, como dos limites da instituição não existiria.

Com tentativa de fundamentação dos entraves da burocracia institucional na avaliação diagnóstica, seria importante refletirmos sobre a posição de G.Lapassade (32), no que diz respeito ao burocratismo institucional como instrumento de poder. Diz o autor: "...esse conservadorismo - essa recusa do tempo - conduz a mecanismos de defesa e, por exemplo, ao endurecimento ideológico, à recusa sistemática da novidade e à hostilidade com relação a toda crítica - que se tende a considerar como um sinal de oposição que põe em perigo toda a organização. É certo que toda burocracia implica dispositivos de controle, supervisão, de inspeção, cuja primeira missão é assegurar a observância das normas burocráticas, é fiscalizar a iniciativa e a novidade..."

Partindo desta colocação de G.Lapassade, deduzimos que a burocratização não seria somente um mecanismo de defesa da instituição que impediria o surgimento do novo e do contraditório em sua organização, mas também uma forma comunicacional específica. P.Watzlawick (51) sustenta que, "...actividad o inactividad, palabras o silencio, tienen siempre valor de mensaje: influyen sobre los demás, quienes, a su vez, no pueden dejar de responder a tales comunicaciones

y, por ende, también comunican..."

Desta forma, a análise dos níveis de burocratização de um trabalho específico, não teria como referência uma dissociação da instituição de seus elementos, mas que tipo de mensagem expressada pelos interlocutores complementaria esta comunicação muda e anestesiante.

Estas reflexões fundamentam a constatação de um fato observado nos prontuários médicos e em laudos psicológicos, quando chegamos ao hospital. Aqui não objetivamos uma crítica a construção nosológica, mas a repercussão das investigações diagnósticas nos relacionamentos interpessoais na instituição. Percebemos que em mais ou menos trezentos prontuários, tínhamos trezentos nomes, como dados objetivos de nascimento, filiação, códigos nosológicos, mas nenhuma vida comunicada. A descrição da enfermidade era destituída do sentido comunicacional, social, defensivo e outros, que por suas ausências, não davam nenhuma possibilidade para uma reflexão em relação:

- 1 - As fantasias do indivíduo em relação a sua doença;
- 2 - As relações entre a enfermidade e o cotidiano do paciente;
- 3 - Suas fantasias de cura ou de tratamento;
- 4 - As relações entre família e a estruturação diacrônica e sincrônica da enfermidade;
- 5 - Fantasias sobre a internação hospitalar;
- 6 - Tipo de comunicação;
- 7 - Relações entre seu corpo e sua temporalidade;
- 8 - Os níveis de criatividade do paciente;
- 9 - A vivência contratransferencial;
- 10 - Tipos de defesas egóicas empregadas pelo vínculo terapeuta-paciente;
- 11 - O que o terapeuta viu e sentiu do paciente;

12- Os momentos de aproximações e separações do campo terapêutico.

Estes critérios não pretendem esgotar as possibilidades da investigação diagnóstica ao nível dos vínculos terapeuta-paciente como paciente-instituição. Este esquema referencial foi criado pela equipe do setor de psicologia, após um estudo profundo de nossas crises e vivências no Hospital Geral. Partimos da premissa, que os critérios devem se basear nos objetivos de um trabalho onde serão utilizadas as informações recebidas, e também na forma de ser construído, um texto gerado pela produção de conhecimento, onde a organização institucional faça parte.

Voltando à defesa por homologia, acreditamos que a burocratização diagnóstica seria uma estratégia para a uniformização e serialização da enfermidade, onde terapeuta-paciente-instituição se constituiriam em uma defensiva expressão de negação da multiplicidade de seus desejos, bem como das diversidades intra e interpessoais.

J.Hochmann (26) discorrendo sobre este assunto, considera que, "...La institución prohíbe la diversidad. En todos los niveles, es necesario que haya uniformidad. Esto se pone de manifiesto en el enfermo, a quien se lo despoja de sus efectos personales y se lo enfunda en un traje gris, cuya falta de gracia y monotonía asombran a todos los visitantes. Resulta evidente también, para que el que sabe escuchar, la demanda repetida hasta el cansancio en los pabellones donde todos los enfermos son idénticos..."

Em todos estes acontecimentos, foi ressaltada a ação da instituição como propulsora dos mecanismos de defesa. Mas de que modo poderíamos caracterizar a presença do vínculo simbiótico? Anteriormente citamos, que uma das características deste vínculo seria a não relação, a negação da mudança, do intercâmbio e da separação, entre outras. Com isto não queremos dizer que os motivos que geram os mecanismos de defesa dos dois participantes indivíduo ou instituição tenham a mesma organização.

Em nosso exemplo, o hospital tem uma organização

empresarial definida, e todo um comprometimento com a cultura. O indivíduo enfermo, na medida em que reconstitui, possibilitado pelo patológico da instituição, seus vínculos especulares e narcísicos, terá nesta uma cúmplice de um monólogo a dois.

2.4- O vínculo simbiótico como negação de crises situacionais

A presença deste item, deve-se ao fato de constarmos nos contatos com psicólogos, psiquiatras, pacientes psiquiátricos, e outros, que mantêm um laço simbiótico com suas instituições, uma total ausência da percepção de crises ocorridas tanto ao nível da instituição, como em seus próprios integrantes.

A palavra crise será utilizada com o sentido de uma ruptura de um determinado sistema relacional, ou a mobilização vivida por um grupo específico frente ao confronto de desejos antagônicos aos seus, ou seja, a vivência de uma tensão.

Com o desenvolvimento terapêutico do grupo de teatro anteriormente mencionado, alguns pacientes começaram a apresentar mudanças, não só no relacionamento com o grupo, mas em todos os contatos no hospital. Uma paciente que inicialmente apresentava um comportamento submisso, cálido, e que evitava qualquer situação agressiva, em certo momento de trabalho, apresentou uma série de condutas completamente diferentes das anteriores. Através das mobilizações interpessoais dos pacientes, ela rompeu com seus estereótipos sociais e entrou em um nível de comunicação agressiva, irônica e debochada. Falava como descarga, impedindo o pronunciamento de qualquer integrante do grupo. Quando iniciamos o trabalho, I, possuía uma posição de liderança e controle sobre as outras pacientes. Era atenciosa com os outros pacientes, mas não permitia que outra colega apresentasse uma sugestão para as tarefas, e resolveu escrever sozinha uma peça para o grupo.

A entrada dos homens, e a conseqüente reformulação afetiva do grupo, fez com que I. se sentisse ameaçada em

sua posição onipotente de liderança, começando a utilizar comunicações de ataque e negação das pessoas. Nesta época, deduzimos que para ela estes acontecimentos eram de extrema importância para seu processo terapêutico. Sua crise, grupal e institucional, denunciava uma mudança em sua dinâmica pessoal. Estava sendo mexida, delirou, alucinou, enfim entrou em um surto psicótico, que dentro de seu processo de tratamento, expressava o início de uma vitalização em seus afetos.

A partir destas mudanças, o médico psiquiatra de I., procurou a direção médica e colocou o seguinte argumento: "Ou sai o grupo de teatro do hospital, ou eu". Tivemos a notificação da ocorrência através da direção médica. Procuramos o médico da paciente para os esclarecimentos do que estava ocorrendo em seu processo terapêutico. A instituição anteriormente foi informada, através de reuniões informativas, sobre as características de nosso trabalho, como também, da necessidade de uma integração de todo o hospital. O corpo médico manifestamente aceitava nossa atuação, mas se mantinha em silêncio, como os outros setores administrativos. O silêncio rompeu-se com as crises mobilizadas pela nossa equipe.

O que podemos analisar destes fatos, é que a mudança de uma conduta, intoxicada, estática, de um paciente, estruturava uma crise na relação burocratizada estabelecida pela instituição. A crise da paciente mencionada, solicitava maior contato com seu caso, exigia um respaldo psicoterápico não restrito aos medicamentos, e principalmente, mobilizava o lado psicótico de seus terapeutas, como da instituição.

Sua nova comunicação, introduziu a negação de sua simbiotização, em virtude de não compactuar com a conformidade do estabelecido institucionalmente. A linguagem anterior de I. era defensivamente esvaziada de uma comunicação relacional. Os vínculos estabelecidos por esta linguagem, complementavam-se na formalização e consolidação de estereótipos vinculares, que eram reforçadas pelas defesas psicóticas do hospital. Não possuía em sua configuração, a presença da dimensão simbólica, ou seja, a procura de uma saída de novos significantes, em virtude da vivência de uma falta de um

vínculo a dois. O simbolizar é perigoso para o mundo ameaçado da paciente, como para a instituição, porque reivindica a entrada do Outro ou do Terceiro, que denuncia a trama e o desejo de um silêncio. As simbiotizações com seu médico, enfermeiras e outras técnicas, negavam uma falta, uma carência de sua condição humana, através do estabelecimento de gratificações e frustrações ao nível do imaginário. As enfermeiras a tratavam por sobrinha, e I. as chamava de tia. A instituição aceitava seu corpo pervertidamente, como uma criança, que necessita de cuidados, e a paciente em suas onipotentes fantasias, negava seu corpo como mulher, e principalmente sua temporalidade relacional. As crises de I. reivindicavam uma história, solicitavam o início de um possível diálogo sobre a quebra de seu mundo anestesiado, e essencialmente, a comunicação de suas contradições.

Mas estas negações de crises situacionais não seriam restritas aos vínculos terapêuticos dos hospitais psiquiátricos. Vivemos atualmente em uma psicologização cultural. Em televisão, jornais, livros e revistas, encontramos informações sobre cuidados maternos, definições de saúde e enfermidade mental, conselhos sobre problemas familiares, etc. A psicologia começa a se interessar por problemas da comunidade, e principalmente focalizando um novo objeto de estudo que seria o homem não enfermo, através de estratégias clínicas objetivando a prevenção da enfermidade.

Não temos o propósito de discutir sobre os aspectos técnicos e teóricos da Psicologia Preventiva, mas de questionar até que ponto sua atuação possibilitaria a negação do estabelecimento de crises situacionais entre o indivíduo e sua comunidade.

F.O. Ulloa (22), sobre estas considerações, afirma que, "...Otro podría decirse de la prevención. En general ésta es entendida y orientada no en sentido de organizar con fuerza y eficacia el esclarecimiento y la legítima protesta frente a condiciones injustamente adversas, sino, por el contrario, en el sentido adaptativo de "desminuir las tensiones..."

Destas considerações do autor citado, vários aspectos podem ser refletidos. O que delimitaremos, seria a dimensão alienante da psicologia no anestesiamiento de determinados conflitos vitais no âmbito do psicológico e do social.

A onipotência da psicologia, criada culturalmente, possibilita em alguns casos aos psicólogos, um fusionamento e uma não discriminação entre seus objetivos sociais e os da cultura onde esteja inserida.

Acreditamos que uma simbiotização entre o psicólogo e sua cultura, onde uma identidade profissional não esteja construída concretamente, como o desconhecimento das características manifestas e latentes de seu sistema sócio-cultural, o levará defensivamente a compactuar com a posição onipotente e alienada que lhe é delegada.

A repercussão desta simbiotização pode ser caracterizada em um mutismo parcial da psicologia como também em uma não discriminação dos níveis e limites de seu objeto de estudo e de sua prática. O trabalho comunitário ou institucional não objetiva a instalação da mobilização do reconhecimento e do diálogo do indivíduo com sua cultura, mas uma inserção em mundo psicologizado.

O psicólogo nunca terá conflitos ou crises, pois sua onipotente e mágica humanística, construída pelos aparelhos e compactuado pelos indivíduos heróicos filhos do medo, o acolherá em um não perceptível apodrecimento.

Estas considerações são claramente sintetizadas por R.F.Novaes (41): "...É bom que isto fique claro: existe uma diferença radical entre o calar e a mudez. Calar significa optar pelo silêncio enquanto significação; a mudez é a impossibilidade da significação, o silêncio constrangedor; e a mudez falada existe..."

CONCLUSÃO

Antes de dissertarmos sobre o que concluímos de nossos estudos sobre o tema escolhido, apresentamos a análise de uma situação vivida no Hospital Geral, visando ilustrar nossas conclusões.

Em nossa chegada ao Hospital Geral, após uma aparente receptividade pela instituição, iniciamos um trabalho de observação de suas dependências, organograma, material humano, enfim, de sua estrutura manifesta. Constatamos que o hospital, na época com aproximadamente seiscentos pacientes, possuía um precário corpo técnico, tendo os pacientes um tratamento farmacológico. A grande parte dos internos eram de classe social baixa, com ocupações antes das internações, ligadas ao trabalho rural. Os administradores verbalizaram, "você^s têm carta branca para fazerem o que pretendem". Nossas fantasias e expectativas se aceleraram, um onipotente espírito revolucionário nos tomou conta, e iniciamos o planejamento de uma série de atividades. Organizamos grupos operativos, atendimentos psicoterápicos individuais, reuniões com os setores de que necessitávamos de ajuda para nossas tarefas.

Com o decorrer do tempo, a equipe começou a se sentir frustrada pelos resultados de nosso trabalho. Percebemos que nossas idealizações em relação às atividades, sabotavam a análise de nossos vínculos com a instituição. Evitando uma saída não pensada, resolvemos refletir sobre nossas identidades no hospital e chegamos à conclusão, que estávamos jogando o jogo latente da instituição, ou seja, mobilizar a inserção de um mundo imaginário, onde os técnicos onipotentes se defenderiam das reais impotências frente a grande demanda de pacientes, da precariedade de recursos materiais e financeiros, da alta rotatividade de pacientes devido à burocratização dos órgãos de previdência com os quais o hospital mantém convênio.

Esta onipotência induzida pela instituição e compactuada pela equipe, alimentava um alienante narcisismo pro

fissional, onde ficávamos impossibilitados de discriminar a realidade do hospital, com suas ambiguidades e contradições, como também nossos limites pessoais e profissionais, produzindo desta forma, uma imobilização em nossas tentativas de mudanças nas relações pacientes-instituição e em nosso crescimento profissional.

Na apresentação destas reflexões objetivamos a caracterização de um vínculo simbiótico vivido pelo setor, simbiose esta, que se não elaborada, propiciaria a negação de uma história profissional dos integrantes da equipe, pois acreditamos que só construímos história se houver mudança.

Através dos capítulos anteriores, concluímos que em algumas teorias do desenvolvimento psicológico, em alguns conceitos psicopatológicos, nos problemas ligados ao trabalho institucional, como nas próprias expressões culturais, deparamos com dicotomias e divisões que encobrem uma organização simbiótica, onde o silêncio intercambiante de seus integrantes, é preservado pela produção de um deslocamento para falsos problemas.

Os estudos realizados também nos acrescentaram a importância deste conceito na explicação da individualização humana, tanto ao nível do desenvolvimento psicológico, como no trabalho institucional, em virtude de integrarmos à análise, a inclusão dos diferentes níveis de participação do indivíduo na construção de sua história, negando o conceito em referência, uma abstração, parcialização e dissociação do homem em sua experiência afetiva e social.

A partir destas conclusões algumas perguntas devem ser levantadas:

Até que ponto utilizamos o respaldo da instituição para a complementação de uma pseudo: identidade profissional que nos cegaria das relações de poder, das inquietações e da intersubjetividade encobertas pelo vínculo simbiótico?

Até que ponto as ânsias assistenciais e preventivas que objetivam a promoção da saúde mental a comunidade não sedariam nossas contradições profissionais como as da pró -

pria comunidade?

Até que ponto nossas preocupações e cuidados com a marginalidade social paradoxalmente nos conduziriam a uma imperceptível cumplicidade?

Até que ponto a função de testólogo burocratizada delegada por algumas instituições ao psicólogo, e que é compactuada de uma certa forma por este, não sabotaria uma recusa ao encontro relacional não só junto ao cliente, mas a análise de sua relação com a instituição?

Até que ponto a pretensa universalização e abstração de nossas técnicas e teorias impediriam a visão de uma cultura institucional específica, impedindo a análise de nosso desejo nesta cultura?

Até que ponto o psicólogo funcionando como auxiliar psiquiátrico em certos contextos situacionais inevitáveis, não se veria adstrito a um duplo vínculo no cuidar do paciente que impediria de dialogar e viver com suas coisas e limites, como também de detectar a dupla mensagem que a instituição o proporciona de cuidar e controlar?

Até que ponto as idealizações ligadas a identidade do psicólogo como um ser onipotente e saudável, não seriam somente um processo defensivo pessoal, mas vincular, devido a institucionalização de certos papéis e estereótipos à estrutura do vínculo?

Até que ponto falamos com nossa boca, com nosso cotidiano, com nosso corpo no diálogo com a instituição?

Até que ponto nossas dificuldades terapêuticas junto ao cliente, nossas defesas e ansiedades não seriam o resultado do obscurecimento da percepção da análise de nossa parte psicótica, obscurecimento este que caracterizaria a própria caracteriopatia do vínculo terapêutico?

Até que ponto somos falados para não falar, cuidamos para não percebermos nossos temores e angústias profissionais?

Não temos a pretensão de responder a estas perguntas. A presença destas indagações expressam nossa tese de que a simbiose estando presente no vínculo indivíduo-insti-

tuição, negaria a dúvida, a contradição, a polêmica, a complexidade, e principalmente como foi ressaltado nos capítulos anteriores, seu aspecto comunicacional, comunicação esta que nos impede como Sujeitos e sustentar a mudez.

BIBLIOGRAFIA

- 1 - ALTHUSSER, L. - Sobre o Trabalho Teórico. Lisboa, Editorial Presença, s.d., pág. 54, pág. 19.
- 2 - BARANGER, W. et BARANGER, M. - Problemas del Campo Psicoanalítico. Buenos Aires, Ediciones Kargilman, 1969 , pág. 242, pág. 136.
- 3 - BENVENISTE, E. - Problemas de Linguística General. México, Siglo Veintiuno Editores, 1974, pág. 180.
- 4 - BLEGER, José - Psicoanálisis y Dialectica Materialista . Buenos Aires, Ed.Paidos, 1973, pág. 126, pág. 132.
- 5 - BLEGER, José - Psicohigiene y Psicología Institucional . Buenos Aires, Editorial Paidos, 1974, pág. 80-81, pág. 80.
- 6 - BLEGER, José - Psicología de La Conduta. Buenos Aires, Editorial Paidos, pág. 20, pág. 75, pág. 272, pág. 185.
- 7 - BLEGER, José - Simbiose e Ambigüidade. Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves Editora, 1977, pág. 73, pág. 313, pág. 314, pág. 100, pág. 193-196.
- 8 - BLEGER, José - Simbiosis y Ambigüidad. Estudio Psicoanalítico. Buenos Aires, Editorial Paidos, 1975, pág.83, pág. 10-11, pág. 10, pág. 10, pág. 11, pág. 67, pág. 19.
- 9 - BLEGER, José - Temas de Psicología (Entrevistas y grupos). Buenos Aires, Ediciones Nueva Visión, 1972, pág. 91-92, pág. 102.
- 10- BRAZIL, H.V. - El Sintoma de Fobia en la Situación Transfereñcial. El Significado de un Sintoma. Apresentado no "VIII Foro Internacional de Psicoanálisis", México, D.F., s.ed., 1969, pág. 57.
- 11- CARUSO, Igor A. - Psicoanálisis dialéctico. Buenos Aires, Editorial Paidos, 1964, pág. 42.

- 12- COELHO, E.P. - "Introdução a um pensamento cruel: estruturas, estruturabilidade e estruturalismos". In: Es - truturalismo. Antologia de textos teóricos. S.e., Por - tugália Editora, s.d. pág. 12-13.
- 13- COSTA, Jurandir Freire - História da Psiquiatria no Bra - sil. Um corte ideológico. Rio de Janeiro, Editora Do - cumentário, 1976, pág. 8-9.
- 14- FAIRBAIRN, W.Ronald D. - Estudio Psicoanalítico de a la Personalidad. Buenos Aires, Editorial Paidós, 1970, pág. 163, pág. 44.
- 15- FIORINI, H.J. - Teoria e Técnica de Psicoterapias. Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves Editora, 1976, pág. 15.
- 16- FOUCAULT, Michel - A Verdade e as Formas Jurídicas. Rio de Janeiro, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Divisão de Intercâmbio e Edições, 1974 , pág. 13-14.
- 17- FOUCAULT, Michel - História da Sexualidade I. A vontade de saber. Rio de Janeiro, Edições do Graal, 1977, p. 119.
- 18- FREUD, S. - Sobre o Narcisismo: Uma Introdução e Artigos sobre Metapsicologia. In: Edição Standart Brasileira das Obras Completas de S.Freud." Vol. XIV, Rio de Ja - neiro, Imago Editora, 1974, pág. 91, pág. 142-143.
- 19- FREUD, S. - Conferências Introdutórias sobre Psicanáli - se. XXVI Conferência: A Teoria da Libido e o Narcisismo. In: Edição Standart Brasileira das Obras Completas de S.Freud. Vol. XVI, Rio de Janeiro, Imago Editora , 1976, pág. 481/502, pág. 485-486.
- 20- FREUD, S. - O Ego e o Id. In: "Edição Standart Brasilei - ra das Obras Completas de S.Freud." Vol. XIX, Rio de Janeiro, Imago Editora, 1976, pág. 32-41, pág. 40.

- 21- FREUD, S. - Psicologia de Grupo e a Análise do Ego. In: "Edição Standart Brasileira de Obras Psicológicas Completas de S.Freud." Vol. XVIII, Rio de Janeiro, Imago Editora, 1976, pág. 133/139, pág. 133/134.
- 22- GRIMSON, W.R. et alii - Nuevas Perspectivas en Salud Mental. Buenos Aires, Ed. Nueva Visión, 1973, pág.121.
- 23- GRINBER, L. et GRINBERG, R. - Identidad y Cambio. Buenos Aires, Editorial Paidós, s.d., pág. 90, pág. 41, pág. 44.
- 24- GRINBERG, L. et alii - Introdução às Idéias de Bion.Grupos. Conhecimento, Psicose. Pensamento. Transformações. Prática Psicanalítica. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1973, pág. 45-49.
- 25- GRINBERG, L. - Teoria de la Identificación, Buenos Aires, Ed. Paidós, 1976, pág. 31.
- 26- HOCHMANN, J. - Hacia una Psiquiatria Comunitaria. Buenos Aires, Amorrortu Editores, 1971, pág. 45, pág. 75, pág. 30, pág. 48-90, pág. 35, pág. 3, pág. 32, pág. 32, pág. 35, pág. 34, pág. 34, pág. 35, pág. 35, pág. 36, pág. 41, pág. 52, pág. 74, pág. 40, pág. 95, pág. 25, pág. 96, pág. 96-97, pág. 115, pág. 99.
- 27- HOLANDA, Buarque C. - Caetano e Chico Juntos e ao Vivo , Philips, 1972.
- 28- KHAN, M.Masud R. - Psicanálise: Teoria Técnica e Casos Clínicos. Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves Editora, 1977, pág. 298-299, pág. 303, pág. 304.
- 29- KLEIN, Melanie - O Sentimento de Solidão. Nosso Mundo Adulto e Outros Ensaio. Rio de Janeiro, Imago Ed., 1971, pág. 78.
- 30- KLEIN, M. & HEIMANN, P. e outros - Os Progressos da Psicanálise. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1969, pág. 169.
- 31- KLEIN, M. & HEIMANN, P. e outros - Temas de Psicanálise Aplicada. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1969, pág.207.

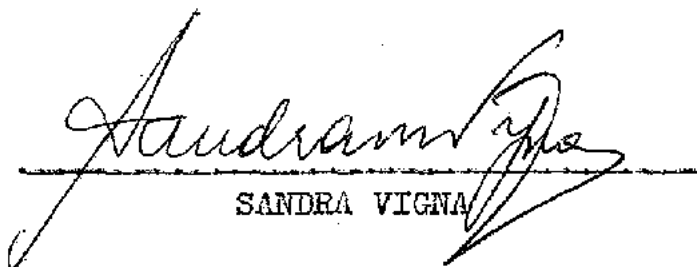
- 32- LAPASSADE, G. - Grupos, Organizações e Instituições, Rio de Janeiro, Francisco Alves Ed., 1977, pág. 182.
- 33- LAPLANCHE, J. et PONTALIS, J.B. - Vocabulário da Psicanálise. Lisboa, Moraes Editores, 1976, pág. 370.
- 34- LOURAU, René - A Análise Institucional. Petrópolis, Editora Vozes, 1975, pág. 118.
- 35- MAHLER, M.S. et alii - O Nascimento Psicológico da Criança. Simbiose e Individuação. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1977, pág. 15-16.
- 36- MAISONNEUVE, J. - A Psicologia Social. S.Paulo, Difusão Européia do Livro, 1967, pág. 23.
- 37- MAJASTRE, Jean Olivier - La Introducion del Cambio en un Hospital Psiquiatrico. Buenos Aires, Granica ed., 1973, pág. 19-20.
- 38- MANNONI, Maud - A criança, sua "doença" e os outros. O sintoma e a palavra. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1971, pág. 202.
- 39- MENDEL, Gérard - Sociopsicanálisis. Buenos Aires, Amor e rortu Editores, 1974, pág. 13.
- 40- MERLEAU-PONTY, M. - Fenomenologia da Percepção. Rio de Janeiro, Livraria Freitas Bastos, 1971, pág. 172.
- 41- NAVAES, R.F. - O Silêncio e a Mudez... In: Jornal Opinião, 4/3/77.
- 42- PAZ, J.G. e GALANDE, E. - Psiquiatria y Sociedad. Hacia una psiquiatria materialista. Buenos Aires, Granica e ditora, 1975, pág. 65.
- 43- PAZ, José Rafael - Psicopatologia. Sus fundamentos dinámicos. Buenos Aires, Ediciones Nueva Visión, 1976, pág. 90, pág. 87, pág. 83, pág. 134, pág. 133.
- 44- PEREZ, Aurora - Sobre narcisismo, su dinámica en la estructuración psíquica normal y patológica. In: "Psicología hoy. Revista Argentina de Psicología Clínica, Psicoanálisis y Psiquiatria." Buenos Aires, Ediciones Psicología Hoy, Año I, Edición nº 1, Septiembre 1976, pág. 13 e 14, pág. 13.

- 45.- PICHON-RIVIÈRE, E. - El proceso grupal. Del psicoanálisis a la psicología social (I). Buenos Aires, Ediciones Nueva Visión, 1975, pág. 10-11, pág. 173, pág. 174.
- 46.- REINOSO, Diego Garcia - Depresión, melancolía y manía. Un estudio psicoanalítico. Buenos Aires, Ediciones Nueva Visión, 1975, pág. 53, pág. 51, pág. 102-103.
- 47.- ROSENFELD, David - Sartre y la Psicoterapia de los Grupos. Buenos Aires, Editorial Paidós, 1971, pág. 21.
- 48.- SULLIVAN, H.S. - La Teoría Interpersonal de La Psicoterapia. Buenos Aires, Editorial Psique, 1974, pág. 33 - 34, pág. 61-62.
- 49.- WALLON, H. - As Etapas de Socialização na Criança. Conferência pronunciada na Tomada Pedagógica pela Seção do Rhone do Sindicato Nacional dos Professores, na Bolsa de Trabalho de Lyon, dia 29 de maio de 1952, publicada em um Suplemento na "École Ribéree", Boletim da Seção do Rhône do Sindicato Nacional dos Professores, pág. 2-3.
- 50.- WALLON, H. - O papel do "Outro" na Consciência do "Eu". In: Journal Egyptien de Psychologie, vol. 2, nº 1, s.l., s.ed., 1946.
- 51.- WATZLAWICK, P. et alii - Teoría de la Comunicación Humana. Buenos Aires, Editorial Tiempo Contemporáneo, 1974, pág. 50, pág. 52, pág. 195.

TESE APRESENTADA AO DEPARTAMENTO DE
PSICOLOGIA DA PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE
CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO, FAZENDO
PARTE DA BANCA EXAMINADORA OS SEGUIN-
TES PROFESSORES:



PEDRO AMÉRICO CORRÊA NETTO

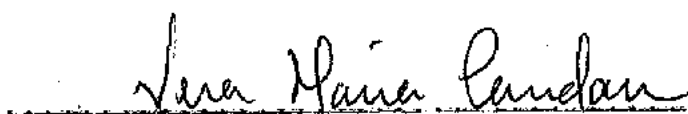


SANDRA VIGNA



ANGELA PODKAMERNI

VISTO E PERMITIDA A IMPRESSÃO
RIO DE JANEIRO



COORDENADOR DOS PROGRAMAS DE PÓS-
GRADUAÇÃO E PESQUISA DO CENTRO DE
TEOLOGIA E CIÊNCIAS HUMANAS.